

CONTOS E POEMAS VOL. V

ASSOMBROSOS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- A procissão dos condenados, por André V. S. Lima, pág. 05
Lunático, por Antonius Poppelaars, pág. 12
Carrossel, por Davidson de Oliveira Rodrigues, pág. 14
Vizinha, por Erika Cristina Faria de Souza, pág. 16
1946, por Gabriela Lauzid. K. Lins, pág. 19
O marinheiro, por Gabriela Lauzid. K. Lins, pág. 21
Suor & Sangue, por Hélio Sena, pág. 23
O coito da fera, por Ícaro Brito França, pág. 25
O quarto, por Riga, pág. 32
Gatos Pretos, por Carolina Gamba, pág. 35
Vampiros, por Carolina Gamba, pág. 38
A coisa do fundo do quintal, por Ney Alencar, pág. 41
O horror do convento da laranjeira, por Ney Alencar, pág. 47
Uma assombração no caminho, por Raimundinha Melo, pág. 52
A alma do pé de bruto, por Raimundinha Melo, pág. 55
O vampiro mórmon, por Renan A. Silva, pág. 57
Tesouro maldito, por Roberto Minadeo, pág. 63
Os irmãos de sangue, por Roberto Schima, pág. 71
Confronto invisível, por Rosane Pereira da Silva, pág. 76
Conheça outros títulos da coleção, pág. 79

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.facebook.com/conexaoliteratura





“Eu tentei manter a mente aberta e não são as coisas comuns da vida que podem fechá-la, mas as coisas estranhas e extraordinárias que fazem você duvidar de ser sã ou louca.”

— Jonathan Harker, em Drácula, de Bram Stoker



APRESENTAMOS O CONTO
A PROCISSÃO DOS CONDENADOS
Por André V. S. Lima

Sobre o autor: André V. S. Lima é mestre em Letras pela UNIFESSPA. Apaixonado pelas figurações do Horror e do Fantástico desde a infância, André busca em seus próprios pesadelos e vivências bizarras a inspiração para seus contos. Este professor almeja horrorizar seus leitores assim como seus próprios contos o aterrorizam.

Definitivamente eu nunca fui uma pessoa dessas que se encosta em qualquer lugar e dorme com a facilidade de um bebê depois da mamadeira, ou como a minha esposa que é uma verdadeira “dorminhoca”. Pra falar a verdade, desde pequeno eu sempre tive dificuldades para cair no sono, diferente de meus familiares.

Lembranças de minha infância passeiam por minha cabeça, indo e vindo, levadas pelo vento de emoções tristes, felizes e nostálgicas que pululam a cabeça de todos os seres dotados do mínimo de capacidade cognitiva para lembrarem-se daqueles idos. Durante a aurora de minha vida, na casa de meus pais, a regra era bastante clara: o horário de sono de meus pais, exaustos devido às longas horas de trabalho, era sagrado e não deveria ser perturbado de maneira nenhuma.

Essa regra era respeitada em minha casa tanto quanto outras regras de educação eram respeitadas em qualquer outro lugar. Você não precisaria de fato, receber alertas ou quaisquer tipos de advertência para que a mesma fosse seguida, pois você meio que já sabia disso subconscientemente, tal como saber que não se deve falar em voz alta dentro de hospitais ou igrejas durante o sermão. Algo deste tipo. O fato é que meus pais, naquela época simples estudantes de Engenharia Civil e Enfermagem, dormiam relativamente cedo, por volta das dez da noite, enquanto que eu, insone, deveria permanecer em silêncio na escuridão do quarto, sob risco de sofrer severas punições caso os despertasse, até que eu mesmo enfim pegasse no sono, geralmente as duas ou três da madrugada. Esta situação se repetiu durante muitos anos, até que me fosse tão familiar a ponto de não me causar desconforto.

Agora adulto e casado, estas situações tinham ficado apenas em lembranças. Eu não poderia ao certo dizer o motivo, mas comecei a apresentar facilidade para repousar no manto de Morfeu. Talvez as preocupações da vida adulta, ou as esgotantes horas de trabalho como professor, mas, geralmente, me bastava deitar na cama para dormir em poucos minutos. Sim, eu disse “bastava”. Há poucos meses comecei a apresentar problemas de sono novamente, porém não como antes, não como naqueles tempos felizes. A curiosa diferença é que ao dormir com certa facilidade, comecei a acordar sobressaltado durante a noite, com a estranha sensação de estar sendo observado.

Durante os primeiros dias não dei importância, voltando a dormir logo em seguida, abraçado à minha esposa, porém com o passar das semanas o sentimento de inquietude durante as madrugadas aumentou de tal forma que a sensação de estar sendo observado foi substituída pela certeza de que outra pessoa se encontrava presente no quarto, fazendo-nos companhia. Muitas vezes eu me levantei e acendi a luz para olhar ao redor e constatar que minha intuição estava, felizmente, enganada, e que de fato eu e minha esposa nos encontrávamos sozinhos no quarto. Gradualmente estes acontecimentos faziam-me perder o sono e eu apenas conseguia voltar a dormir horas depois, com um estranho zumbido nos ouvidos, talvez de preocupação, pensava eu. Com o passar dos dias desenvolvi o medo de pegar no sono. Evitei, imprudentemente, compartilhar isto com minha mulher, temendo preocupá-la. Eu devia ter contado. Ela saberia o que fazer.

Lembro que certa noite, ao acordar de madrugada, encontrei-me completamente paralisado da cabeça aos pés. Droga, pensei. Paralisia do sono. Eu estava completamente ciente das explicações científicas atribuídas a este fenômeno que apesar de bastante normal, perturba o sono de milhões de pessoas ao redor do globo, porém, sendo sonho ou não, não deixa de ser bastante assustador, sobretudo quando você começa a ver vultos brancos passeando pelo seu quarto enquanto você está com o corpo completamente paralisado, como aconteceu comigo. Recordo que durante esta noite aquele estranho zumbido em meus ouvidos tornou-se mais alto e perturbador, como se fossem várias vozes falando em uníssono.

A segunda noite de paralisia, logo em seguida, foi tão assustadora quanto a primeira, pois desta vez, paralisado, eu senti que alguém batia em meu travesseiro repetidamente, como se alguém tentasse me acordar. O pior de tudo foi constatar que o zumbido noturno, agora bastante alto, não vinha de meus ouvidos, como eu acreditava, mas parecia vir de todo lugar, dos meus ouvidos, do quarto, das paredes, de dentro da minha cabeça, de algum lugar distante ou talvez, como pude constatar mais tarde no auge do meu infortúnio, da esquina da rua de minha casa. Eu estava certo, o zumbido na verdade eram vozes. Vozes de dezenas de pessoas que entoavam bem lentamente um cântico que até então não me era familiar: “A treze de maio na cova da Íria no céu aparece a Virgem Maria...”.

Aquela música ficou na minha cabeça o dia seguinte inteiro. Após uma breve pesquisa na internet, e constatar que a mesma existia, várias questões me intrigaram

bastante. Como poderia eu ter escutado uma música que não conheço, se o fenômeno da paralisia do sono não passa de um estágio do sono? Um sonho apenas! Ou será que tudo aquilo não foi um sonho?

Naquela época, minha esposa gostava de deixar a porta do quarto aberta enquanto dormíamos para que nosso gato tivesse livre acesso a todos os cômodos da casa durante a noite. A porta conectava nosso quarto à sala de estar, e na escuridão da noite, aquela porta aberta me causava um medo infantil de olhar em direção à mesma e contemplar as sombras provenientes da sala de estar. Que tolo eu era.

Na terceira noite de paralisia, lá estava eu, imóvel como uma estátua patética ou algo que o valha. A situação era, como sempre bastante incômoda, porém, aparentemente esta noite estava bem tranquila e não havia nada de ruim ao meu redor. Até que tudo começou novamente. Seguindo um ritmo lento e cadenciado, aquele cântico iniciou-se novamente, desta vez claro como água, de forma que eu pude perceber que se tratava de uma espécie de procissão descendo pela esquina. Ouvindo aquilo, fixei meus olhos na porta aberta de meu quarto que dava para a escuridão da sala de estar. Aquele medo infantil mais uma vez aflorando à minha pele. Fiquei bastante tempo ouvindo aquele som e observando a escuridão do quarto até que notei o quão inocente eu fui me preocupando com a porta aberta quando na verdade deveria estar preocupado com o vão atrás da porta do quarto onde se encontrava o vulto de um homem, me observando sorrateiramente.

Não tenho palavras para expressar o susto que sofri, mas sei que indubitavelmente foi o pior de minha vida. Fechei os olhos de imediato enquanto tentava, sem sucesso organizar meus pensamentos. Minha cabeça estava ocupada com pensamentos do tipo: “Por que eu fiquei de olhos abertos olhando para a porta?”; “Por que eu não fechei os olhos antes?”; “Agora ele viu que eu tô acordado! Aquela coisa me viu e sabe que eu também a vi!”.

Eram pensamentos infantis, eu admito. Pesadelos infantis, nada mais. Porém, ao sentir meu corpo desprender-se da paralisia, continuei de olhos fechados com medo de ver aquele espectro macabro espreitando na escuridão, me observando de volta. Fiquei perdido em meus próprios devaneios durante um tempo. Eu não seria capaz de afirmar o tempo exato pois ali, de olhos fechados e sem coragem de me mover, eu havia perdido a noção do mesmo. O som da procissão já tinha sumido, mas eu ainda sentia uma inquietação perturbadora, uma agonia extrema. Meus músculos do pescoço enrijeceram-se

e eu não conseguia relaxar de modo algum, estava com calor e a posição em que me encontrava na cama era demasiadamente desconfortável. Queria mudar de posição, mas ainda me encontrava com medo até mesmo de ousar me mover. Passado algum tempo meu pavor foi suplantado pelo sono e apesar da extrema sede que sentia, comecei a deixar ser levado pelo meu próprio torpor e pela primeira vez naquela noite, me convenci de que tudo aquilo era um pesadelo comum, no qual todo e qualquer tipo de pânico era infundado e, com este raciocínio em mente, enfim, pude relaxar. Passados poucos segundos após esta conclusão de que o medo era desnecessário, todos os meus sentimentos de segurança e tranquilidade caíram por terra quando escutei, quebrando o silêncio do quarto e de minha mente, uma voz macabra, assustadoramente perto de minha cama, fazendo o seguinte pedido: “Ei, acende uma vela pra mim?”.

Eu não pude acreditar em meus ouvidos. “Não pode ser”, pensei. “Esses pesadelos não me deixam em paz nunca!”. Mas não podiam ser simples pesadelos. Eu havia escutado com muita clareza aquelas palavras derramando-se sobre mim como um balde de água fria. Aquilo tinha de ser real, mas ao mesmo tempo eu não queria acreditar que fosse. Abri lenta e corajosamente os olhos e realmente avistei aquele vulto escondido atrás da porta do quarto, o corpo projetando-se inclinado para frente, a mão agarrando a borda da porta. Tornei a fechar os olhos. Todo o ceticismo havia ficado para trás. “O que essa coisa quer comigo?” pensava eu. Quase que telepaticamente a criatura respondeu minha pergunta:

— Eu quero acompanhar a procissão! Acenda uma vela pra mim, por favor! Não aguento mais ficar aqui!

Tão logo o espectro havia pronunciado estas palavras, as vozes da macabra romaria haviam retornado ao longe, se aproximando cada vez mais: “A três pastorinhos, cercada de luz, visita Maria a mãe de Jesus, ave, ave, ave Maria...”

— Me ajuda, acende uma vela pra eu poder acompanhar a procissão! Deixe-me ir até lá!

O cântico, naquele ponto, um terrível som sepulcral, estava alto e claro, e o vulto continuava a pedir, insistindo: acenda uma vela! Minha mente trabalhava rápido e eu me perguntava se isto estaria acontecendo comigo se eu tivesse noites de sono bem reguladas e normais como todos os meus familiares, incluindo minha esposa, que dormia tranquilamente ao meu lado, alheia a toda aquela experiência sobrenatural. Como eu a

invejava. Recordei-me de alguns contos de Walcyr Monteiro que eu costumava ler enquanto criança. Um deles dizia a seguinte frase: “A noite é para os mortos assim como o dia é para os vivos. Não se deve ficar olhando lá fora procurando aquilo que não é de sua conta”. E, aparentemente, eu estava pagando o preço por ficar tanto tempo insone.

A voz spectral se aproximava cada vez mais, chorosa e suplicante:

— Por favor, me ajuda!

Eu queria desmaiar, minha cabeça rodava, dominada pelo medo e pela exaustão. Já não sabia se de fato eu me encontrava acordado ou adormecido.

— Acenda uma vela, por favor! Não quero mais ficar aqui — repetia, cada vez mais próximo.

— Me ajuda! — o vulto pediu, já ao lado da minha cama.

O meu corpo estava tomado por calafrios. Reunindo o pouco que me restava de coragem eu apenas disse:

— Não.

Eu ouvi seu lamento alto e profundo enquanto a romaria lá fora continuava. Apesar de todo o medo e pavor que aquele estranho ser me causava, senti pena.

— Me leva até lá então, por favor! Me carrega até lá, eu imploro! — E foi então que senti aquela mão gélida em meu ombro. Eu não saberia dizer com clareza o que senti naquele instante. Palavras não seriam suficientes pra descrever o medo, o frio, o cansaço e os longos anos de penitência que eu senti, vindos daquela criatura, apenas por meio de seu toque. Tempo o suficiente para uma pessoa esquecer seu próprio nome e sua própria existência em vida. Uma enxurrada de dor e confusão embaralharam meus pensamentos e eu só queria que tudo aquilo terminasse, então assenti ao espectro, acenando com a cabeça, positivamente. Levantei-me e quase que imediatamente senti um peso imenso e glacial enquanto aquela alma penada se agarrava às minhas costas. Meus pensamentos estavam confusos, e eu tinha a sensação de que tudo aquilo era um sonho, de que tudo aquilo não passava de um infeliz pesadelo.

Guiei-me até o portão de entrada da casa como que adormecido, anestesiado e dopado pelo medo e o cansaço, acreditando ser tudo um sonho ruim.

Aquele ser não vivente repetia sempre às minhas costas “obrigado, obrigado” enquanto eu saía pelo portão em direção ao ar gelado da rua durante a madrugada. A visão que tive lá fora nunca sairá da minha cabeça. A surpresa foi tamanha a ponto de me esvaziar os pulmões. Centenas de figuras caminhando lentamente, entoando cânticos em penitência. Seus rostos, iluminados pelas velas que carregavam, eram disformes e borrados como antigas fotografias que se estragaram em porta-retratos devido à umidade do ar ou algo que o valha, não permitindo, desta forma, que fossem reconhecidos ou distinguidos. Suas roupas eram mortalhas e seus pés encontravam-se descalços.

Tão logo eu saí à rua, um membro daquela macabra romaria destacou-se da multidão e veio ao meu encontro:

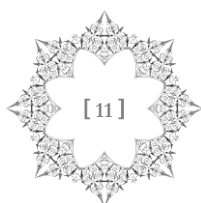
— Boa noite irmão! A paz de Cristo! Venha logo que ainda temos muito chão pra percorrer e muitos pecados pra pagar! — Seu rosto disforme se contorceu no que eu acreditei ser um sorriso amigável. Ele estendeu a mão e eu a segurei.

Eu nunca soube se ele se dirigiu a mim ou à pessoa que eu carregava às costas. Depois disso, a última coisa da qual me recordo foram as palavras do fantasma às minhas costas.

— Muito obrigado por tudo, eu nunca me esquecerei.

Acordei no dia seguinte ao lado de minha esposa, imediatamente senti o alívio costumeiro que todas as pessoas sentem ao despertarem de um longo pesadelo. Tudo tinha sido apenas um sonho, afinal. Ou melhor, espero que tenha sido. Rogo a Deus que tenha sido.

A insônia nunca me abandonou, apesar de que após o ocorrido eu tenha voltado a dormir com mais facilidade, e às vezes ainda me sentir observado na escuridão. Quando me encontro sozinho, não é estranho sentir como se alguém ainda estivesse às minhas costas. Aquele estranho arrepio. Aquele sentimento. Mesmo assim ainda vivo confortavelmente e feliz com minha esposa e nosso gato de estimação. Apesar de tudo, tenho tentado viver minha vida normalmente, e ignorar a dor nas costas que me persegue desde então como se ainda estivesse carregando aquele estranho fardo em uma interminável procissão de mortos em penitência. Uma interminável romaria. Romaria. Ave, ave Maria.

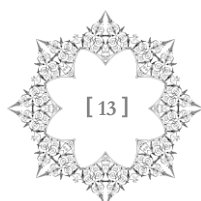




APRESENTAMOS O POEMA
LUNÁTICO
Por Antonius Poppelaars

Sobre o autor: Antonius Poppelaars é filho de holandeses e residente no Brasil (João Pessoa), casado e pai de Isaac de cinco anos. Fez graduação em Letras Inglês e Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Trabalha como professor de inglês e editor. Publicou vários artigos sobre literatura, linguística e educação.

Eu entro no meu apartamento.
Ouçó o som de respingos de água e caminho até a cozinha.
Ela está de costas para mim, lavando seu vestido à mão.
Ela se vira.
Olhos grandes e fixos, sem emoção, mortos.
Debaixo do nariz, ela não tem boca.
Uma superfície lisa desliza até um queixo pontudo e levantado - lua minguante.
Ela me olha com olhos suplicantes.
Ela quer dizer algo.
Murmuração silenciosa.
Seus olhos agora irradiam desespero.
Eu acordo gritando.
Outra noite sem dormir.
Eu cambaleio para a varanda.
Fico olhando para a noite escura e profunda.
Lua cheia.
Quando ela vai me deixar descansar em paz.
Uma gargalhada aguda está perfurando meus ouvidos.
Eu olho para baixo da varanda.
Eu me sinto leve.
A rua parece estar ficando cada vez mais perto.





APRESENTAMOS O POEMA

CARROSSEL

Por Davidson de Oliveira Rodrigues

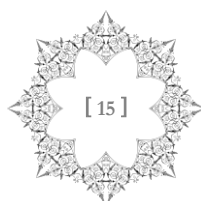
Sobre o autor: Natural de Contagem-MG, professor de história, jogador de xadrez. Gosta de Carlos Drummond de Andrade, Mário Faustino, Hilda Hilst e Paulo Leminsky.

Sonhei que andava no carrossel de esqueletos.
Hordas de mortos-vivos deitavam o medo.
Zumbis, cucas, vampiros, maldita trindade.
Filhos do demo, sócios de tod'a maldade

O sangue, bebiam os sinistros morcegos.
E comiam os vivos em torpes folguedos.
Que horrenda ação feita por tal irmandade.
Mas contentou os defuntos sentados nas lápides.

Ciranda fatídica na qual me encontrava.
No trivoli havia caixões de verdade.
Dentro d'ataúde do carretel eu girava.

Cucas me viram e pararam o brinquedo.
Algozes bruxas recusaram meu enterro.
Decidiram matar-me tal qual um bezerro.





APRESENTAMOS O POEMA

VIZINHA

Por Erika Cristina Faria de Souza

Sobre a autora: Erika tem 26 anos, é casada, tem duas filhas, ama ler e escrever e na maioria das vezes consegue se expressar somente quando escreve. Descobriu esse hobby e o pratica com certa frequência. No mais ela agradece a oportunidade de participar do concurso.

Não olhe, nunca olhe, se puder des-olhe.

Não pisque, nunca pisque se puder des-pisque. Ria das palavras de minha mãe.

Ria enquanto o medo a perseguia. Nunca dei ideias as suas loucuras. Até sua loucura se tornar minha.

Até minha loucura se tornar insana.

Lá naquela casa, onde nem mesmo o sol ilumina. Naquela casa, onde a alegria não vinha.

Naquela casa onde um dia a infância foi minha. Naquela casa onde morria minha vizinha.

Toda noite no mesmo horário o relógio bate. Toda noite na mesma hora a porta se abre. Toda noite ao mesmo tempo se escuta o som.

Toda noite se arrasta a mulher torta em alto som.

Uma pessoa a viu morrer. Uma pessoa a viu crescer.

Uma pessoa cuidou de sua vida. Essa pessoa era eu sua amiga.

Minha vizinha morreu.

E todo dia no mesmo horário ela invade o quarto meu. Escuto o barulho da fechadura abrir.

A loucura da minha mãe realmente está aqui!

Sinto o cheiro de morte entrando em meu quarto.

Escuto o barulho de seu corpo se arrastando pelo chão de madeira. Sinto nos meus pés sua mão pegar.

Abri minha boca, porém o grito não saiu de lá!

Agora entendo o que minha mão quis dizer, o
espírito imundo veio me ver!
Arrastando até meu quarto ele está. Subindo por
minha cama para me sufocar.

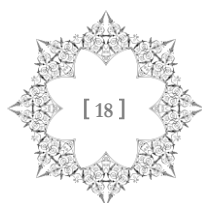
Fechei meus olhos em desespero.
O medo me tomou não me deu sossego, mas o
espírito da vizinha estava ali,
para me perturbar não me deixando dormir.

Fui eu a culpada de sua morte. Fui eu
que a vi morrer.
Fui eu que a vi crescer.
Fui eu que a deixei lá
enquanto os monstros vieram à buscar.

A abandonei naquele dia,
e hoje ela me atormenta, quem diria! Tudo
some quando o sol chega,
porém tudo volta quando as trevas se achegam!

Talvez esse tormento um dia acabe. Talvez por
um segundo tudo pare.
Mas por enquanto tudo continua,
toda noite no mesmo hora, tudo muda!

Ela é a vizinha a me atormentar, todos os dias sem parar.
E eu sou a Bruxa, que dizia ser sua amiga que um dia veio a sua vida retirar.



A dark, atmospheric illustration of a Victorian-style house with a large full moon in the sky and a pumpkin in the foreground. The house is multi-storied with a prominent gable and a porch. The sky is a deep blue with a large, bright full moon. In the foreground, there is a large, orange pumpkin on a grassy patch, and a dark, gnarled tree branch on the left. The overall mood is mysterious and Halloween-themed.

APRESENTAMOS O POEMA

1946

Por Gabriela Lauzid. K. Lins

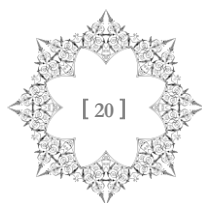
Sobre a autora: Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).

A enfermeira correu apressada
Ao ouvir o cântico de ciranda
Entoadado na voz de crianças
No decorrer da madrugada.

Havia uma ala abandonada
Onde pesquisas sem segurança
Eram realizadas nestas crianças
Que apenas sorriam caladas.

Chegando na ala, a melodia
Soava de dentro do crematório
Elas sussurravam “tia... Tia

Olhe nosso pós-operatório.
Conosco a senhora cantaria?
Para o nosso triste velório”.





APRESENTAMOS O POEMA
O MARINHEIRO
Por Gabriela Lauzid. K. Lins

Sobre a autora: Gabriela Lauzid Kleinlein Lins nasceu em 1998 na cidade de Belém do Pará. Fã de animes e mangás, ingressou muito jovem no mundo da escrita por meio das fanfictions, nicho virtual em que se sentiu acolhida e encorajada a escrever. Durante o ensino médio foi quando o interesse pelo mundo literário despertou, sendo atraída, principalmente, pelas características da segunda geração romântica. Foi nesse período em que começou a desenvolver, em seus diários pessoais, suas primeiras criações originais: histórias (Rapsódia Lunar) e poemas (Convite à Poesia).

Adeus Porto ensolarado.

Me despeço desta paisagem,
Do sol que reflete na verde folhagem
O magnificente dourado.

Adeus Cais ensolarado,
Já não estou mais de passagem.
Me converto na melancólica visagem
Que habita o luar. Eternizado...

O deleite do último vislumbre
Entorpece meu lânguido corpo.
Meu âmago sucumbe...

Perfurado pelas presas do morto,
Conservo o encanto púbere,
Ao lusco-fusco do inquieto Porto.





APRESENTAMOS O POEMA

SUOR & SANGUE

Por Hélio Sena

Sobre o autor: Hélio Sena é cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros *Falsidade da noite* (2012), *Nós & a rosa* (2016) e *Poesia da cor da vida* (2020), além de participações em coletâneas e revistas literárias.

No inicio éramos apenas dois.

Agora somos três.

Matar é realmente uma sensação muito boa; só perde pro sexo.

Às vezes fodemos cinco, seis vezes durante a noite.

Isso quando não saímos pra matar.

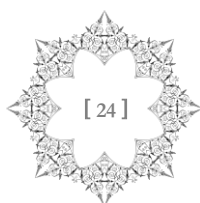
Nós três juntinhos.

Uma vez Mara e Raul provaram do sangue de um mendigo.

Com nojo, passei um mês todinho sem beijá-los na boca...

Depois disso caí gozando:

— Ai de mim, seus filhos da puta!





APRESENTAMOS O CONTO
O COITO DA FERA
Por Ícaro Uriel Brito França

Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em Direito pela Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba (Facthus), em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade, Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.

“*Monstros são reais (...). Vivem dentro de nós e, às vezes, vencem.*”

(Stephen King)

O ano era 1989. Mais um final de ano que passaria sozinha, isolada. Aquela noite já seria noite de lua cheia e essa fase parecia aguçar muito sua sina. Sentada observando as grandes araucárias numa tarde fria e chuvosa de inverno, pela janela do pequeno chalé isolado, na serra do sul de Minas. Lá era seu refúgio. Perdida em pensamentos, refletia sua existência e de como era a vida antes e após a presença do *yee naaldlooshii* ou *skinwalker*, uma moléstia que retirara sua liberdade, seu prazer, seu gozo. A ela restara observar a vida por uma fenestra. A vida realmente é satírica. Criticara tanto a prosaica poética de Theo, seu primeiro namorado, por aceitar os desmandos do pai em seu destino, vivendo por seus poemas ultrarromânticos e contos fantasiosos de um universo quase byroniano. Naquele instante questionava as artimanhas do destino, das quais tornara-se apenas mais um pião num jogo de xadrez macabro.

A vida acabou distanciando-a de Theo. Sonhadora, queria ganhar o mundo, viajar, viver ser independente. Em seus planos não cabia espaço ao matrimônio. Nisso precisou sacrificar sua primeira aventura amorosa, com Theodoro, rapaz oriundo de tradicional família belo horizontina. Theo somente, para ela. Diferente de sua ex futura consorte, era mais contido, aceitando de forma abnegada as orientações do pai, o sacrifício de seus sonhos, dentre eles cursar Letras em São Paulo, acatando a escolha do pai por Direito. Submisso aos ditames e regras aos quais fora educado. Isso trouxe verdadeiro abismo aos jovens. Ela o tinha como trovador solitário que contava as semanas de seu relacionamento por poemas, preso ao mundo platônico das ideias, e landra, segura de seu caminho, não aceitando aos desmandes de tradições e costumes. Personalidades diferentes, como vinho e água.

E isso a levou a cursar Antropologia na Universidade de São Paulo, instituição de renome nacional e internacional, sendo este fato o único respaldo lenitivo de seus pais, que almejavam receberem como regalo da filha um diploma da trindade dos cursos acadêmicos coroados pela alta sociedade: Direito, Engenharia ou Medicina.

Única filha, oriunda também de tradicional família mineira, tinha todo seu futuro traçado, como as linhas das mãos. Sua sorte parecia certa, numa vida toda desenhada e traçada ao encontro do sucesso, mesmo que desviasse em partes do caminho que lhe traçaram desde o berço. Desde sua infância em Belo Horizonte, a ela interessava mais museus, arquivos, sítios arqueológicos, cidades históricas ao invés da vida de shoppings, boutiques, salões de beleza, colunas sociais e festas da *high society*, levando sua mãe à loucura. Sua genetriz buscava na filha cópia perfeita de sua personalidade, a típica infanta bem nascida. Todavia, produziu seu alter ego alternativo. Mesmo com muitas características físicas dos pais, landra estava longe de pertencer ao mundo de seus progenitores. Como na música, dizia ser muito *down* o *high society*.

Ela sonhava em ganhar o mundo real, além de aparências e contas bancárias graúdas. Realmente conseguiu. Porém, em curto período. Numa das viagens de campo, para escavações num sítio arqueológico navajo no Novo México, tudo mudou quando ela descobriu que os *skinwalkers*, *yee naaldlooshii*, licantropos ou simplesmente lobisomens não eram apenas lendas. É bom esquecer boa parte sobre o folclore sobrenatural dessas criaturas. O contágio dava-se mais, de certa forma, como uma mutação sanguínea ligada ao grupo sanguíneo A positivo, sangue com o qual infortunadamente era possuidora.

Tudo se deu numa noite fatídica, que se entregou ao desejo a um dos guias da expedição. Uma loucura feita numa noite de primeiro encontro, regado a cervejas e carícias, numa filosofia crowleiana do “faça o que quiseres por ser tudo da lei”. Por que não se entregar a tal amante? Aquele homem parecia atizar seus desejos, como nada antes. Cheirava a feromônios. O sexo veio de maneira natural, num instinto corporal. Em determinado instante, num transe de gozo, orgasmo sublime que a paralisava, viu aquele homem transformar-se em fera com feições híbridas entre homem e lobo. Era para ter morrido naquela noite, mas não. Em instante certo, policiais interromperam o ato final de morte da vítima, alvejando a fera com vários tiros a queima roupa. No hospital, ficara dias num torpor inconsciente, recobrando aos poucos a consciência. No dia que fora desinternada, os mesmos policiais a visitaram e contaram sua sina - toda a história. Os mesmos, de origem navajo, disseram que ela somente havia sobrevivido ao contágio da fera, primeiro pelas armas e depois por seu sangue. Qualquer outro tipo sanguíneo levaria à morte de que se contagiasse devido a infecções. O policial mais velho disse que nunca mais poderia ter contato sexual. Que no primeiro contato, a maldição acordaria e seu

espírito levaria à morte de quem tocasse, seja por garras ou infecção. Como na música, seu prazer tornara-se risco de vida.

Ah, como os jovens são altivos e cabeça dura! Por que não escutou os policiais? Após chegar a São Paulo, numa das festas universitárias, conheceu um rapaz. Era noite de lua cheia e seu corpo parecia queimar de prazer. Uma hiper sensibilidade a cada toque. Também, notara a excitação que provocava em seu parceiro e isso dava-lhe sensação prazerosa de poder e domínio. Exalava feromônios no ar que o leva ereção involuntária, quase uma hipnose em poluções noturnas. Não houve sequer tempo de chegarem a um motel. Numa viela afastada, entregaram-se ao desejo logo num dos matagais, cedendo a instintos primitivos. Logo montou sobre ele, em posição dominadora. Numa intensa transa, ela sentiu-o ejacular mais de uma vez. Porém, prazer e dor andam juntos aos skinwalkers. No contorcer da agonia da transformação, rasgou a garganta do rapaz numa mordida. E, como a fêmea de um louva deus, devorou-o. Não se recorda da morte do homem muito bem, tendo apenas lampejos curtos de memória a partir de sua transformação. E sempre, uma vez ao mês, durante o período maior de crise, que antecipava à transformação, refugiava-se naquele chalé, de paredes reforçadas e grades de ferro em janelas.

O mesmo chalé no qual teve sua primeira experiência amorosa, em que, numa mesma noite, quase sem luar, perderam juntos a virgindade um casal de jovens, ela e Theo. E hoje só restam lembranças de tempos bons passados. Agora apenas observava a vida passar pela vista de uma janela. A morte acompanhava seu desejo, um desejo que não poderia ser controlado nem mesmo por seu próprio corpo. Ah, a vida possui suas inexplicáveis ironias, seja destino ou falta de sorte. Tornara-se careta, casmurra, celibatária, como as beatas indigestas de sua catequese. Havia certos instantes que se via parada olhando apenas seu reflexo pelo espelho, procurando se encontrar-se em si própria.

Depois da primeira morte, nunca mais quis carícias, contatos sexuais. Se quer conseguiu tocar-se mais intimamente. Tudo parecia um grande pecado nefando. Apenas na mente o olhar do rapaz vítima do coito da fera. Não sabia nem seu nome, apenas um rosto anônimo que atormentava sua consciência. Parada na janela, observando um pássaro preto esconder-se entre os galhos das árvores, lembrava dos versos de “O corvo”, de Poe: *Ó velho Corvo emigrado lá das trevas infernais! Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.” Disse o Corvo, “Nunca mais”*. Nunca mais seria a mesma. Como dizem os navajos, o *yee naaldlooshii* consome almas!

Ah, que saudades dos versos de Theo, de seus braços em tempos de tempestade, de seu olhar compreensivo, daquele namoro adolescente a cheiro de descobertas. Daquele rapaz que parecia querer se entregar de corpo e alma. Das noites de amor dos dois, em refúgio naquele mesmo chalé sombrio, que outrora era acolhedor. A última notícia que sabia de Theo era o fim de seu casamento. Ele casara-se cedo e o tempo acaba ruindo aquele relacionamento, que parecia idealizado. Da última foto que vira dele, os olhos esverdeados marcantes, cheios de sonhos daquele garoto ruivo deram lugar a um olhar vazio de um homem contido, apático. Será que ainda fazia trovas, poemas? Ainda havia queimor do questionamento de um rebelde sem causa?

De repente o clarão de um raio interrompe a escuridão da noite, quebrando a lembrança de pensamentos. Parecia um anúncio que a tormenta da fera logo chegaria. Iniciavam-se os calafrios, ondas de calor, o cheiro de sangue na boca. Ao menos estava só, presa. Não machucaria mais ninguém a não ser ela própria. Todavia, um barulho se fazia notar aos ouvidos mais sensíveis de landra. Parecia vir da porta da frente. A maçaneta começava a mexer-se e a porta iniciava a abertura. Não! Não podia ser! Apenas uma pessoa tinha a cópia da chave. Theo?! O único objeto que esquecera de recolher após o término do namoro, aquela maldita chave.

As dúvidas mostraram-se cruéis certezas quando uma voz, a mesma voz familiar que ouvira há mais de dez anos atrás, soou:

— landra? Você está aqui? Desculpa por não avisar, mas a diarista me informou que você viria hoje para cá e não consegui te telefonar. Parece que os telefones estão mudos por causa da tempestade.

Essa atitude inconsequente não parecia a cara de Theo, mas sim dela própria. Num rompante de pavor misturado por amor e admiração ao vê-lo, disse ela:

— Theo, é você? Como? Você não deveria estar aqui ...

Em resposta:

— Demorei muito para ter coragem de tomar decisões por conta própria, desenhar meu destino, agir por impulso ao menos uma vez na vida. É tão pouco o que tenho pra dizer, só preciso dizer que te amo!

Na mesma hora aproximou-se e roubou-lhe um beijo, que transformou num abraço acalorado. O corpo de landra ardia num desejo misturado ao instinto do skinwalker. Ela tentou se conter:

— Não, não podemos. É perigoso. Você precisa ir!

— Sua boca diz o oposto do que seu corpo expressa. Num dia assim de tempestade, eu me perdi num caminho de gigantes e moinhos vento de razão e tradição, amando um amor perdido. O ridículo de minha vida foi pensar saber que poderia escolher quem amar. Amor não se controla, apenas se sente. Hoje, não tenho mais certezas. Apenas queria te ver novamente, disse ele.

De aparência, um homem formado, mas por dentro o mesmo menino trovador. E landra encarnara naquele instante a figura de *femme fatale*, expelindo um cheiro estonteante de feromônio. Não conseguia mais conter-se. E isso gerava uma excitação quase involuntária em Theo. Na dança de corpos, que logo já estavam despídos, as preliminares incendiavam-nos. Na volúpia, entre excitação e gozo, ela subjugou, pondo-o deitado sob seus pés. Posteriormente, a mesma sentou-se por cima do falo do varão, criando um encaixe perfeito.

Iniciara-se o coito da fera, em posição de domínio, tal qual Lilith. No auge do prazer, numa posição dos dois corpos sentados frente a frente, com olhares entrelaçados, com ela ainda por cima, o clímax da ejaculação, entre sussurros e gemidos. Junto a isso, surgem as garras de landra rasgando a pele das costas de Theo. Ele assistia atônito sua transformação bestial. Paralisado entre o prazer do gozo e o pavor da morte, não conseguia mover-se. Seu corpo não mais respondia. Ele viu olhar vivo da morte através das pupilas de uma fera que escarrava em sua boca. Acreditava que chegara sua hora.

Porém, em desenrolar quase cinematográfico, ouve o barulho da porta arrombada e disparos de tiros. A guarda florestal, ouvindo os uivos, adentrou ao local. Vendo a cena, para salvar o homem, disparam diversas vezes sobre a fera.

Caído ao chão, muito ferido e ainda paralisado, o mesmo apenas lembrou da cena de uma fera caída ao seu lado voltando às feições delicadas de landra. Era os últimos suspiros de sua amada, e num último olhar um sorriso de ternura em direção a ele. Ela nunca teve medo da vida, assim como não teve da morte.

No laudo policial, buscando explicações racionais, fora posto: Tentativa de homicídio por motivo passional.

Semanas depois, Theodoro acordou com médicos e enfermeiros ao redor de seu leito de hospital. O médico plantonista disse:

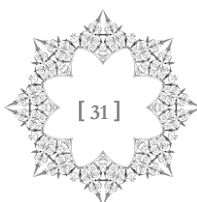
— Theodoro, você está numa UTI de hospital. Você ficou três semanas em coma induzido pelo trauma e posterior infecção. Mas, seu quadro infeccioso está regredindo. Logo você estará sendo transferido para os quartos.

Logo a enfermeira interrompe o médico:

— Doutor, para este paciente, qual tipo sanguíneo devemos administrar para a transfusão?

Diz o médico:

O dele é A positivo.





APRESENTAMOS O CONTO

O QUARTO

Por Riga

Sobre o autor: RIGA, pseudônimo de João Luiz Cougo, nasceu em Rio Grande/RS em 1967. E em Rio Grande, na FURG, começou o curso de Bacharel em Direito, que na Universidade de Passo Fundo concluiu. É também Bacharel em Teologia pela Faculdade de Entre Rios, no Piauí.

Empregado público, desde 2002, na ECT. É casado e tem um filho. Leitor contumaz de filosofia. Interessado em política e economia. Acompanha a vida do país sempre com atenção e, por vezes, sofrimento. É defensor dos direitos humanos, dos animais e do meio ambiente.

Uma casa sombria que escondia entre paredes histórias de almas atormentadas, era assim o lugar onde vivi meus primeiros anos.

Móveis antigos. Objetos esquecidos pelo tempo. Muitas pessoas, mas incrivelmente tudo parecia vazio. Não havia calor, nem movimento. Era como se a vida ali não entrasse.

Todos solitários, sem vínculos. Em eterna mágoa uns com os outros. O que havia? Não sei. Mas, era indubitavelmente um lugar ruim...

No fim do corredor havia um quarto. Um entre outros tantos. Mas aquele ficava sempre fechado. Vazio. A porta trancada. Ninguém ia lá. Ainda assim algo me atraía. Como se me chamasse: vem, vem... Vem. Se eu perguntava, diziam: não é para entrar lá. Não tem nada lá. Não, não... E só.

Uma vez me disseram que foi o quarto de um tio. Que tio, o que aconteceu, onde ele foi, onde ele estava não era para eu saber.

Eu circulando só e silenciosamente pela casa, às vezes forçava a porta. Tentava a maçaneta. Sempre firme. Rija e fechada. Sempre. Mas houve uma vez que, inexplicavelmente, a porta se abriu.

Como sempre parecia que ninguém estava em casa e como em outras tantas vezes me dependurei na maçaneta, só que dessa vez a porta cedeu. Eu fiquei parado olhando para aquele escuro enquanto decidia se entrava.

Mais do que nunca o chamado estava presente. Um murmúrio atraente. Uma voz que exigia minha presença...

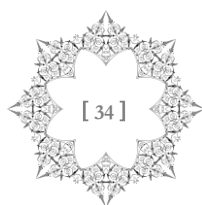
Quando entrei sufoquei. Não havia ar. Um cansaço se apossou de mim. Não conseguia enxergar nada. Era como se o escuro fosse sólido. Tentei voltar, mas a porta havia se fechado. Novamente trancada, só que eu estava do lado errado. Estava preso.

Andar era quase impossível. Arrastei um pé após o outro numa lenta, aparentemente, impossível sucessão de passos. O tempo parou. Uma eternidade se passou até que atravessasse o quarto e alcancei outra porta. Esta dava acesso à rua.

Foi uma tentativa sem esperança. Eu estava morrendo ali.

Na porta havia uma chave que eu girei lentamente enquanto algo me arrancava à pele, num arrepio que me eviscerava... A porta abriu e eu consegui sair.

Sai, respirei, sobrevivi...





APRESENTAMOS O POEMA

GATOS PRETOS

Por Carolina Gamba

Sobre a autora: Professora de língua japonesa e portuguesa. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Amante de todos os livros de histórias de bruxas, vampiros, lobisomens e afins. Seguidora do Sagrado Feminino e uma "Mulher que corre com os lobos".

Meu gato preto de olhos amarelos
Ou alaranjados?
Veio me cheirar.

Deixei-o. Estava deitada no chão.
Não podia me mover de tanta tristeza.
Meu pequeno peludo
Começou a me lamber.

Deu-me energia e retorci-me no chão...
Aquilo me proporcionou certo prazer.
Então, o bichano mordiscou-me.

Lambidas ásperas e dentes
Semelhantes aos de uma cobra em mim...
Depois de satisfeito, ele voltou para a janela
A me espreitar com seus olhos lanternas no escuro.

Com um movimento de suas orelhas, ordenou-me a ficar em pé.
Fiquei de quatro.
Meu corpo já não era liso,
Era cheio de pelos ouriçados e negros.
Ao final da minha coluna um rabo arrepiado!

Quis gritar, mas saiu um miado.
O meu gato na janela pareceu sorrir,
Mais humano do que eu...

E num pulo, conseguiu escancarar
A ventana de madeira.

Tomada de luto de mim mesma,
EU era um gato negro também!

Saltei com vivacidade e corri atrás
Daquele outro felino de olhos dilatados.
Precisei perder toda a minha humanidade
Para ser livre?
Certamente. Miau.





APRESENTAMOS O POEMA

VAMPIROS

Por Carolina Gamba

Sobre a autora: Professora de língua japonesa e portuguesa. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Amante de todos os livros de histórias de bruxas, vampiros, lobisomens e afins. Seguidora do Sagrado Feminino e uma "Mulher que corre com os lobos".

Dentro de mim vive um ser descabelado.
Você me despertou quando me tocou
Como nenhum outro.
Eu queria, você também.

E seu cuidado em me penetrar como um santuário sagrado,
Me deixou mais ainda fora do meu eu humano.
Quis mordê-lo!

Você mais rápido, atacou meu queixo...
Eu competitiva, fui no seu pescoço.
Cravei meus dentes fortemente
Até perfurar sua pele.
E senti um gosto agridoce: era seu sangue.

Você se silenciou e passou os dedos na mordida.
Pude notar que sorriu
E levou aos lábios o seu próprio sangue.

Como se comandado pela luz do luar,
Num movimento brusco,
Foi a sua vez de me sugar...
Me arrancou um pedaço,
Doeu, mas era tão bom!

Quis de novo provar o seu sabor e passei a língua.
Mas quando meus dentes se mancharam mais da cor carmim,
Que escorria de você,
Fui tomada de um frenesi

Tornei a lhe perfurar.

Você fez o mesmo.

Gritamos juntos e rolamos

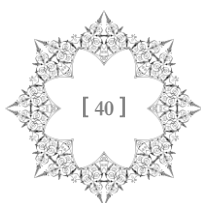
Exaustos.

Tínhamos nos transformado

E estávamos revigorados e preparados

Para nos devorar mais...

E a todos que encontrássemos pelo caminho...





APRESENTAMOS O CONTO
A COISA DO FUNDO DO QUINTAL
Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 25 e-books e em 29 antologias. 02 Romances publicados.

A casa havia sido bonita um dia!
Muito tempo atrás uma família morara nela e risos ecoaram por suas paredes e lágrimas foram choradas dentro delas, há muito tempo!

Agora a casa já não passava de ruínas.

A família se fora, mudara-se, deixara aquele lugar e não voltara mais.

A casa aos poucos foi se desmanchando, a tinta das paredes desbotando, as telhas quebrando com a chuva e o vento, as janelas quebradas pelos mendigos e crianças.

As portas empenaram com a chuva e o desuso, as janelas abertas eram como olhos esbugalhados fitando intensamente a rua.

Ninguém que passasse por ali olhava para ela, não era bom olhar para dentro de seus olhos abertos, pois por vezes ela os olhava de volta e a sensação de medo e opressão que vinha dela era avassaladora.

Assim ninguém mais a olhava!

A rua não era muito movimentada, poucas pessoas passavam por ali durante o dia e nas horas da noite somente algum mendigo perdido ousava atravessar aquele quarteirão desolado e vazio.

Havia poucas casas por ali agora, outrora eram muitas, mas o tempo as consumiu, e restavam poucas, a maioria eram terrenos baldios, cheios de mato alto e algumas árvores raquíticas.

Assim a casa estava sempre sozinha! Mas não estava desocupada!

Pois havia alguma coisa que habitava nela. Uma coisa que morava no fundo do quintal!

Era uma coisa sem forma, mas tinha uma cor, era preta e meio cinzenta também e às vezes branca, como um lençol velho e sujo, porém sem os buracos para os olhos.

Ninguém sabia o que ela era, nem de onde viera.

O vento às vezes sussurrava para as árvores que ela viera com os fantasmas de deuses antigos, num carnaval, muito tempo atrás, viera de um mundo velho, expulsa por um Deus poderoso!

Os pássaros, que evitavam o telhado da casa, contavam que ela era uma criatura mais antiga, que viera de um mundo morto, além do grande mar.

Mas a verdade é que nenhum deles estava totalmente errado nem totalmente certo!

Ela era escuridão! E o horror por vezes caminhava sob seus passos.

Ela viera habitar ali há muito tempo atrás, quando a casa ainda tinha moradores, pois ela preferia casas bem habitadas, com muitas pessoas, gostava do barulho que as pessoas faziam e de como se comportavam, dos risos e das lágrimas, do calor de seus corpos, de seus sonhos ingênuos e de seus pesadelos suculentos.

Ela se alimentava também, comia coisas que ninguém queria mais ou coisas que eram esquecidas e que iam devagar caminhando para o fundo do quintal, empurradas pela poeira do esquecimento e pelo tempo que passava.

Coisas velhas ou coisas que eram procuradas, mas nunca encontradas, ela também as comia, mas gostava mais das coisas perdidas!

Se banqueteara com os pesadelos vibrantes e coloridos e por vezes desprezava os sonhos doces!

Às vezes um cão ou um gato se aproximavam demais dela!

Crescia e aumentava de tamanho quando todos se esqueciam dela e tomava conta de todo o fundo do quintal como uma escuridão profunda ou como uma poeira sufocante, e pulsava como um coração negro, mas se você olhasse diretamente para ela então não a veria à não ser que ela o olhasse de volta!

E isso seria muito perigoso de se fazer!

Quando a família se foi a coisa ficou!

Tomou conta de todo o quintal dos fundos e gostava de se espreguiçar nas madrugadas, bebendo a luz gelada da lua, roubando gatos incautos que passassem por ali.

Depois, quando a casa tornou-se verdadeiramente abandonada ela mudou-se para dentro e nas noites de lua, se você olhasse com cuidado através de uma janela quebrada poderia vê-la dançando pela sala ou caminhando pelos quartos, como um vulto preto, não uma sombra, pois uma sombra correria pelas paredes, e ela caminhava ereta pelos corredores. Não gostava do sol, ela o odiava, pois o sol do meio-dia podia mesmo feri-la profundamente, mas não matá-la para sempre, mas seus raios mortais nunca chegavam ao fundo do quintal, ou dentro dos quartos escuros, nem nas reentrâncias do telhado, ela estava segura!

Com o tempo começou a ficar terrivelmente faminta, pois os gatos já não vinham até ela, e os cães não passavam por ali. Até mesmo os mendigos começaram a evitar aquele local.

Pois ela outrora também levava embora pessoas, às vezes, aquelas pessoas que eram esquecidas por todos, ou aquelas que ninguém queria mais e vinham se abrigar dentro da casa.

Por vezes talvez uma criança mais curiosa ou desobediente que fugia para esconder-se no fundo do quintal, ou pelos quartos escuros, brincando, e desaparecia.

Costumava então esgueirar-se pelos canos e espiar a rua pelos bueiros!

Costumava, nas noites de lua nova, caminhar até o portão quebrado e olhar por entre as barras enferrujadas, com seus olhos negros de carvão, procurando vítimas.

Às vezes alguém passava rapidamente pela casa e virando o rosto a via, num relance pelo rabo do olho, como uma sombra ou uma sensação de frio e nesses momentos é que ela ficava ainda mais perigosa porque ela atraía a pessoa com um miado de um gatinho perdido ou um latido de um cachorrinho ou talvez o barulho de algo caindo ou de passos e se a pessoa fosse curiosa o bastante para ir até dentro da casa ou até o fundo do quintal então ela a pegava.

Com aquelas garras longas e sinistras, pretas de horror e medo e levava a pessoa para sua morada dentro daquele lugar escuro no fundo do quintal onde gritos não são ouvidos e onde o medo paralisa seus passos e emudece sua voz!

E não havia mais como escapar de lá!

Pois ela era a coisa que morava no fundo do quintal!

E ela estava sempre faminta!

O novo século veio e o antigo ficou para trás.

Novas pessoas vieram e funcionários da prefeitura passaram, olhando cobiçosos aquele lote vazio.

Uma noite, quando ela passeava pelo quintal abandonado notou uma placa pregada na frente do portão. As letras ininteligíveis nada significavam.

Voltou as costas nuas e negras e entrou na casa.

A manhã trouxe homens com pás e picaretas, quebrando portas, retirando janelas, limpando os quartos do pó e da escuridão.

Ela acordou com o barulho, já havia se acostumado à solidão!

Ah, estavam derrubando sua casa!

A ira tomou conta dela!

A escuridão cresceu, a opressão e o horror grassaram pelo interior das paredes e os empregados espantados e confusos foram embora com medo.

Assim foi a primeira, a segunda e a terceira tentativas de botar abaixo a casa abandonada.

Em vão eles vinham e ela os espantava, corroía suas almas com o medo que habitava em si, os quartos gelados no verão espantavam os empregados, o empreiteiro veio.

Um homem de negócios, cruel e desumano, nada podia consigo quando queria alguma coisa.

Brigou com os empregados, que fugiam de dentro da casa e mentiam sobre fantasmas e assombrações, maricas todos eles, que não queriam trabalhar.

Ele iria mostrar pra eles com quem estavam lidando.

Ele veio no fim da tarde, quase ao pôr-do-sol.

Orgulhoso veio sozinho!

Parou em frente à casa e pegou uma marreta deixada de lado por um empregado qualquer. Iria ele mesmo derrubar tudo, jurou!

Entrou na casa.

A coisa o esperava sob o alpendre, amoitada como onça esperando a presa.

Estava faminta, fazia algum tempo que não tinha nada para matar a fome, agora vinha este homem, gordo, suculento e entrava por vontade própria em sua casa.

Ela esperou!

Ele caminhou pelos corredores vazios, olhou o teto furado, as réstias de luz entrando pelos buracos.

Ela fez um barulho perto da porta da cozinha, atraindo-o para os fundos da casa.

Ele ouviu, decerto algum rato. Incontinenti foi para lá.

Abriu a porta dos fundos com um solavanco.

O quintal estava todo às escuras, ali a luz da lua não chegava.

Ele olhou, sorriu, colocaria uma piscina ali depois de tudo limpo.

Então uma parte do muro se moveu, uma sombra andou, ele viu!

Espantou-se, talvez fosse algum ladrão, querendo roubar os materiais da construção estocados por ali.

Desceu os degraus de pedra e pisou na grama rala.

Então ela veio, sorrindo, com os braços abertos para ele, os olhos brilhando de satisfação, a boca salivando já, o lençol velho e sujo pendendo de seus braços magros, as mãos pretas.

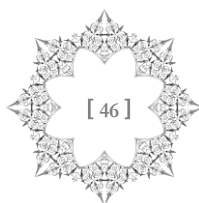
Ele tentou gritar, mas a voz não saiu! As pernas, paralisadas, já não o obedeciam.

Ela o tomou pela mão, como um adulto conduz uma criança, e o levou consigo para sua morada!

Depois disso as obras pararam.

A casa voltou a ficar abandonada!

E a coisa do fundo do quintal sorriu para sua solidão!





APRESENTAMOS O CONTO
O HORROR DO CONVENTO DA LARANJEIRA
Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 25 e-books e em 29 antologias. 02 Romances publicados.

“O Horror é velho,
Mas mais velha é a Fome!”

Dito popular de Guay

O velhíssimo e luxuriante Castelo da Laranjeira foi durante muito tempo o antro perverso do temido Cavaleiro Amarelo!

Como todos sabem o execrável biltre costumava raptar donzelas e moças das vilas e cidades próximas da fabulosa Charneca de Guay, aprisionando-as no castelo, onde se aproveitava libidinosamente das mesmas, devolvendo-as depois aos seus parentes, conspurcadas e aviltadas.

Depois que foi derrotado por um cavaleiro não tão famoso cujo nome não entra nesta história, o Cavaleiro Amarelo, triste e desiludido, despiu sua armadura, onde se ficou sabendo que ele não era outro senão o vigoroso turco Owmay e abriu uma pequena loja de rendas e tapeçarias em uma das vilas que margeiam a Charneca de Guay, perto das terras que conhecemos, que até hoje é frequentada pela nata das moças e donzelas das vilas e cidades ao redor da Charneca de Guay, e possui infatigavelmente os melhores bilros das terras que conhecemos.

O luxurioso castelo, marco de tantos crimes hediondos, foi abandonado e assim ficou durante quase um século, sem viva alma que caminhasse por suas paredes.

Até mesmo a Velha Cinzenta evitava suas proximidades como se fugisse da praga.

Afinal a diocese de Guay resolveu transformá-lo em um convento, para purgá-lo dos atos lascivos ali cometidos.

A irmã Guttula, matrona italiana de invejável colo, foi encarregada de comandá-lo, o que fez bem durante algum tempo, e o lugar logo foi inundado por noviças vindas de todas as vilas e cidades das redondezas.

Mas o Convento da Laranjeira era um lugar mau e perverso!

Fora construído na beira de abominável precipício cuja profundidade era desconhecida, pois descia inexorável até as margens absconsas das praias do Rio Oceanos que Homero descreveu tão bem e que circunda o mundo mortal.

Na face negra daquele penhasco, cheio de grotas e cavernas cuja profundidade ninguém ousaria medir, habitavam criaturas vis desconhecidas pela raça humana, cuja malícia e fome terríveis fariam corar a própria Velha Cinzenta!

Dizem, em sussurros apenas e que nunca são repetidos, que um daqueles habitantes gulosos e abomináveis subiu pela face do precipício e entrou no convento em uma noite de lua nova!

Sua sombra vil foi vista arrastando-se por debaixo da porta da madre superiora e de dentro do quarto as noviças alvoroçadas no umbral ouviram gritos e um suspiro de dor e prazer que foi depois abafado em um soluço de horror!

A madre superiora que saiu do quarto na manhã seguinte já não era a mesma que ali entrara!

Seus olhos, outrora benevolentes e compassivos, arrostavam agora um fogo devorador, carnal e lascivo que consumia as silhuetas das noviças com suas chamas libidinosas.

Sua voz, outrora doce e gentil, agora reverberava como uma cacofonia de sons raspantes e roucos, como gritos estridentes de fantasmas inumanos.

As irmãs afastavam-se dela quando passava, pois o odor que exalava era pungente e forte, de uma acidez hedionda e as noviças passaram a evitá-la.

A irmã Guttula, porém, era a madre superiora e nenhuma delas podia escapar de suas ordens ou de suas vontades.

A primeira noite irmã Guttula chamou a noviça Adeline à sua porta, para entrar e acompanhá-la nas novenas de estilo.

A noviça abriu a porta e entrou.

O quarto da madre superiora era despojado de tudo, tinha apenas uma cama, um grande armário de madeira negra e uma mesa de cabeceira, sobre a qual havia uma bacia e um candelabro aceso.

Na luz das velas o quarto enchia-se de sombras que dançavam pelas paredes como grandes insetos de longas patas compridas e asas abertas.

A noviça olhou ao redor procurando a madre superiora, pois fora sua voz que a chamara ali de dentro, mas não a viu.

Foi então que percebeu uma roupa estranha como um vestido jogado em cima da cama. Aproximou-se tímida e olhou.

O horror a tomou!

Não era uma roupa, era a pele da madre superiora, a pele inteira da irmã Guttula, sobre a cama como se tivesse sido despida.

A noviça afastou-se do hediondo catre, o horror e o medo grassando sobre sua alma trêmula.

Os pensamentos voavam por sua mente em uma sanha desesperada.

Se aquilo era a pele da irmã Guttula, então o que estava por baixo dela? Que abominação blasfema estava usando a pele da madre superiora como uma roupa?

Não podia ser algo humano!

Foi então que ela ouviu um sibilar baixo vindo da parede sobre a porta.

Olhou e o que viu transtornou para sempre sua mente, alijando-a dentro do mais profundo pesadelo de horror e medo!

Ali na parede estava a coisa que vestira a pele da irmã Guttula!

Uma coisa abominável, uma criatura que deveria existir apenas nos pesadelos mais horríveis.

A coisa esticou seus braços compridos, distendendo-os quase até tocar o rosto mortificado da noviça e na voz odiosa da madre superiora comandou:

— Venha, minha menina! Venha me alimentar!

A criatura abriu sua boca de uma maneira que nenhum ser humano conseguiria, quelíceras quitinosas surgiram matraqueando aquelas palavras hediondas e os olhos bulbosos sorriram famintos!

A noviça não gritou!

A manhã seguinte trouxe apenas a saciedade.

O desaparecimento da noviça foi comentado por todas as outras, enquanto a madre superiora apenas redarguiu que ela havia se ido e não retornaria.

Nos dias que se seguiram outras noviças desapareceram, algumas dentro do quarto da madre superiora outras pulando o muro alto, numa tentativa vã de fugir à sanha de irmã Guttula.

Nenhuma das noviças que entraram para o Convento da Laranjeira voltou a ser vista, pois o voto blasfemo que faziam era perpétuo!

Mas contam as histórias de pé de lareira das vilas em Guay que outras daquelas coisas abomináveis vieram subindo pela face negra do precipício e vestiram roupas humanas, que já não tinham serventia para suas donas.

Poucas agora eram as moças ou meninas que eram enviadas como noviças para o terrível convento.

Mas diz-se que eram sempre recepcionadas no portão baixo pelas figuras magras e compridas da irmã Guttula e de suas irmãs Pampusas!

Sempre com um sorriso faminto nos lábios finos e esticados!

Um lugar mau e perverso!

Dominado pelas Pampusas!

Elas eram três: Guttula, Biana e Fascina.

Eram criaturas carnívoras que se metamorfoseavam em mulheres para cuidar do convento, mas que à noite voltavam a sua forma original para se alimentar.

Como grandes louvo-a-deus em cores marrom e branco.

A Empusa é talvez uma das criaturas menos conhecidas da mitologia grega. Dessa forma, ela não aparece em nenhum mito tradicional ou lenda popular famosa da Grécia.

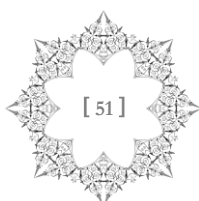
No entanto, sua aparência assustadora e seu hábito horrendo de se banquetear com sangue e carne humanos é alvo de lendas narradas por diversas culturas ao redor do mundo.

A Empusa é frequentemente retratada como uma bela mulher, que se transforma em uma criatura com dentes afiados, cabelo flamejante e (em algumas interpretações) com asas de morcego.

Para os gregos, a Empusa era considerada uma semideusa sob o controle da deusa Hécate, a divindade associada a encruzilhadas e caminhos de entrada.

Assim, a Empusa costumava seduzir jovens que viajavam sozinhos e quando estivessem vulneráveis, ela devorava a carne e bebia o sangue de suas vítimas. Continue lendo e saiba mais sobre essa criatura mitológica.

Como as empusas se alimentavam enquanto suas vítimas dormiam, eram creditadas a elas a produção dos fenômenos de paralisia do sono e, nos tempos medievais, eram associadas às entidades demoníacas Súcubos (demônios sexuais que gostavam de atacar e abusar de vítimas adormecidas).





APRESENTAMOS O CONTO
UMA ASSOMBRAÇÃO NO CAMINHO
Por Raimundinha Melo

Sobre a autora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Possui Mestrado em Educação pela UFPI. É graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí (2002) e em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2014). É da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Na década de 1950, as pessoas costumavam se divertir nas festas dançantes, tertúlias, reisados e cantorias que eram realizadas em comunidades rurais, principalmente nas casas das famílias.

Os meios de transporte motorizados eram quase inexistentes e as famílias com melhor poder aquisitivo possuíam animais como cavalos e burros, que eram utilizados para fazer os deslocamentos de pessoas e mercadorias de uma região para outra.

Naquele tempo, minha bisavó residia na Palmeira, comunidade rural do município de São Miguel do Tapuio, situada no estado do Piauí. Ela era viúva e responsável pela educação dos filhos, entre eles o meu avô, e embora tivesse mãos de ferro e muita autoridade, ela tinha muita dificuldade para manter a ordem e harmonia entre os filhos.

Certo dia, meu avô, que ainda era rapaz, decidiu que iria para uma festa na comunidade rural Saquinho, situada a alguns quilômetros do lugar onde residiam. O dia estava turvo, nublado e devido a pressentimentos ruins, a bisavó resolveu que ele não deveria ir para aquela festa.

No entanto, apaixonado por uma bela moça da região, ele retrucou, enfrentou a mãe e disse que iria mesmo sem a sua autorização. Na saída, ela tentou segurar a burra pelo cabresto e foi atacada pelo animal, recebendo uma mordida em sua mão direita.

Apesar de toda a esquisitice daquela situação, e da mãe está sentindo dores por conta do ferimento causado pela burra, ele manteve a sua decisão e foi para festa. Segundo ele contava, aquela não foi uma noite boa. Além de todo o transtorno da saída também perdeu a namorada para outro rapaz.

Decepcionado com a situação, resolveu voltar para casa mais cedo. À noite estava escura e fria e só escutava o canto das cigarras e grilos na mata.

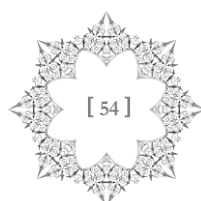
Na metade do caminho, perto de umas pedras que ficavam na margem da estrada, ele sentiu a presença de alguém e ficou todo arrepiado. Nesse momento, a burra se assustou e ele percebeu que uma pessoa pulou na garupa do animal, que passou a ter dificuldades para caminhar devido ao aumento significativo do peso.

Sentiu os braços de uma mulher entrelaçando a sua cintura e o sussurro da respiração no seu cangote arrepiavam os pelos do seu pescoço lhe causando paralisia de tanto medo.

Em pensamentos começou a rezar e pediu intervenção divina para que aquele espírito pudesse encontrar luz e paz e se afastar de seu caminho. Também lembrou do que fizera a mãe e pediu perdão a Deus pela desobediência.

Quando já estava desanimando, achando que não conseguiria se livrar daquela assombração, sentiu que a pessoa soltou a sua cintura e pulou da burra. O animal respirou aliviado e passou a caminhar de forma mais leve, como quem acabara de se livrar de um grande peso.

Ele não teve coragem de olhar para trás, mas pressentia que ali estava uma moça cadavérica, de cabelos acinzentados, longos e afarofados, vestido longo, rasgado e sujo, alguém que como ele, um dia também perdeu um grande amor e com ele toda a esperança e o sossego da alma.





APRESENTAMOS O CONTO
A ALMA DO PÉ DE BRUTO
Por Raimundinha Melo

Sobre a autora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Possui Mestrado em Educação pela UFPI. É graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí (2002) e em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2014). É da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Os habitantes idosos do pequeno município de Buriti dos Montes, cidade interiorana situada no Semiárido piauiense, afirmam que, há muitos anos atrás, havia um pé de bruto numa passagem que ligava o centro da cidade a um lugar denominado pelo moradores como “Quatro Rs”. Narram que aquela passagem era mal assombrada, e quando as pessoas passavam por ali, principalmente antes da meia noite, costumavam ouvir gemidos, pisadas e cochichos.

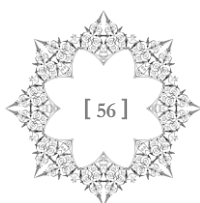
Aqueles que se arriscavam fazer a travessia, contam que coisas estranhas aconteciam ali, como barulho, gemidos, pisadas e chuva de areia jogada sobre as folhas do pé de bruto. Quando isso acontecia, as pernas tremiam, o coração batia acelerado, principalmente quando se ouvia o chiado vindo por trás do pé de bruto. A sensação horripilante era que, uma alma, jogava mãos cheias de areia em cima da copa da árvore.

Contam que, certa vez, um valentão daquele lugar, desejoso em demonstrar a sua coragem, ignorou as narrativas populares e se desafiou a fazer a passagem um pouco antes da meia noite. Não se sabe ao certo o que aconteceu de fato, mas afirmam que somente no outro dia, pela manhã, conseguiram encontrá-lo. Estava assustado, com os olhos arregalados, trêmulo e sem fala. Dias depois voltou a falar, mas se recusava em dizer o que tinha visto e o que ocorreu naquela noite.

O conto da Alma do Pé de bruto foi se espalhando e as pessoas foram ficando receosas e com medo de fazer aquela travessia, nem mesmos os mais curiosos e corajosos se arriscavam. Embora a passagem tenha se transformado em uma rua e o pé de bruto já não exista mais, as pessoas, ainda, afirmam que sentem sensações estranhas quando passam por ali.

Alguns populares afirmam que o chiado do pé de bruto era apenas as sementes que caíam nas folhas secas e assombravam as pessoas. Outras afirmam que a Alma do Pé de Bruto ainda habita aquelas intermediações. O fato é que, àquela continua sendo uma passagem mal assombrada, horripilante, em que jovens e idosos não se arriscam a desafiar.

A história continua viva....





APRESENTAMOS O CONTO

O VAMPIRO MÓRMON

Por Renan A. Silva

Sobre o autor: Renan A. Silva é advogado, tradutor e escritor. Publicou poemas como o soneto 'Lindas Estrofes de Louvor' (IX Prêmio Literário Asabeça), o e-book independente 'Rimas de um Leitor', e o conto 'A Sabedoria do Coroné' (30º Caderno de Literatura da Ajuris) entre outros textos, além de artigos na área jurídica. É o tradutor do livro 'Estampas do Livro de Mórmon', criador do grupo 'Escritores Santos dos Últimos Dias' no Facebook, e co-editor do blog Crepusculismo.

Era tarde quando Eduard voltava para casa, depois de um dia cansativo. Tinha pressa — pela hora, e por medo de alguma agressão. Havia quem zombasse dele, que o ameaçasse por ser *mórmon* — mesmo sem saber o que era isso.

Não havia ninguém na rua escura, mas apareceu, diante dele, um homem alto, velho, vestindo uma longa capa preta, que disse friamente:

— Jovem, você é o *mórmon* ?

— Sim, sou da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E, até agora, sou o único cidadão de Etem que pertence a essa Igreja.

— Mas é um nome muito grande para uma igreja, não acha?

— Sim, mas faz sentido, pelo que significa.

— Imagino. E, você aceitaria vir à minha casa para que eu possa saber mais de você sobre sua religião?

— Sim! Agora, infelizmente, não posso, já passou das dez horas, e eu preciso voltar para casa. Mas pode ser amanhã à noite, ou outro dia.

— Não, não posso esperar outro dia, tem que ser agora. Você não sabe a fome que tenho por adquirir conhecimento através de você. Você não pode vir agora? Juro que vai ser rápido.

— Está bem, mas não posso demorar muito.

— Tudo bem, você não se arrependerá. Mas como você é o único dessa igreja aqui, vou ter que tirar tudo o que puder de você, já que você é a única fonte da que posso extrair tudo o que minha sede de conhecimento exige.

— Certo, vamos então, e conversamos na sua casa sobre o que você quiser. Sua casa é perto?

— Não, não. Mas chegaremos rápido lá.

O misterioso senhor assobiou forte, e logo apareceu um carro, que os levou em poucos minutos a uma mansão afastada da cidade, uma das mais antigas e temidas construções de Etem. E Eduard sabia disso.

Dentro da casa, sentiu um arrepio. Antes de que poder dizer qualquer coisa, seu anfitrião disse:

— Bem vindo à Casa. Vamos direto ao assunto. Você tem um pouco de pressa, e eu também, e há algumas coisas que quero saber. Aceita? — disse, oferecendo uma taça de conteúdo duvidoso. Eduard gesticulou que não.

— Então é verdade. Imaginei que você não aceitaria, por suas regras. Eu entendo. Também tenho as minhas.

Sentaram-se em duas poltronas, um em frente ao outro.

— Que mal educado, tenho que apresentar-me. Sou Vískar, o último membro de uma grande família do Reino de Etem. Várias vezes controlamos esta nação, mas nossos inimigos sempre tentam nos tirar do poder. Da última vez, foi com a ajuda dos comunistas. Por isso somos únicos, nós dois. Você o primeiro, eu o último. Eu, porém, não tenho planos de reproduzir a linhagem a que pertenço. Já você está disposto a tudo, ouvi, para defender sua religião, não é?

— Sim! Adoraria que outros cidadãos de Etem se tornassem *mórmons*, mesmo que ninguém queira. E, sim, daria minha vida por isso.

— Daria sua vida para que alguém se tornasse *mórmon*?

— Sim.

— Que bom. Procurei você porque eu gostaria de conhecer sua igreja. Já tinha ouvido algo sobre os *mórmons* anos atrás, em outros países. E quando soube que havia um em nosso país, senti que deveria conhecer você. Por isso lhe procurei esta noite para aprender de você. Não à maneira dos homens comuns. Mas sim à maneira de meus ancestrais. Sei que há muitos *mórmons* nos países próximos mas nenhum tem o que você tem: o sangue de Etem. Você é o único filho de Etem que é *mórmon*, o único descendente do grande Patriarca que veio do Norte. E também, nenhum outro *mórmon* conhece nossa história, nosso idioma, como você. O que quero deve sair de você, tenho que tirar de você.

— Certo, mas... porque tanto interesse? Quer ser *mórmon* também? — respondeu, com um pouco de medo.

— Talvez... Diga-me, como você se tornou *mórmon*? Imagino que não nasceu *mórmon*.

— Exato. Conheci a Igreja quando estava na Inglaterra, estudando, e conheci dois missionários *mórmons*. Eles me viram na rua, me convidaram para ouvi-los, e gostei de tudo o que eles disseram. Me apaixonei pela Igreja, pelo Livro de Mórmon, e tudo mais.

— Calma, calma. Não me interesse tanto por esses sentimentos. Você já foi a um Templo *Mórmon*?

— Sim. Fui ao Templo de Londres várias vezes.

— Perfeito. Agora, para vocês, qual a importância das linhagens familiares?

— Para nós, a família é tudo. Preservamos registros e histórias familiares. E acreditamos que a família foi ordenada por Deus, e que parte importante de nosso propósito na terra é criar famílias para Deus

— Você é casado? Tem filhos?

— Não, não — disse, um pouco envergonhado — Se fosse, eu não seria o único *mórmon* de Etem, não é?

— Tem razão. E suponho que esse é mais um método para multiplicar os *mórmons*, não?

— Com certeza! E parece que é um dos mais eficazes!

— Bem, vejo que você tem bom humor. Gosto disso. Torna tudo mais fácil. Como uma pessoa se torna *mórmon*? Qual o processo?

— Por meio do batismo passamos a ser membros da Igreja, e, assim, “mórmons”, como nos chamam.

— E como é esse seu batismo?

— Nos batizamos na água, como Jesus Cristo foi batizado, por imersão. Alguém que possui autoridade nos leva à água, diz as palavras apropriadas e nos imerge na água. Não ficamos muito tempo debaixo d'água, é só um segundo. É um símbolo de que nascemos de novo, para uma nova vida, limpos de todos nossos pecados, pelo sangue de Jesus Cristo. Morremos e nascemos de novo na água.

— Então o sangue é importante para vocês.

— Sim, é um símbolo importante. Jesus Cristo é cordeiro de Deus, e Seu sangue é parte do sacrifício que Ele fez por nós. Por isso, em nossa prática religiosa há certas referências a Seu sangue.

— Como o quê?

— No Sacramento da Ceia do Senhor, por exemplo. Tomamos pão em memória do corpo de Cristo, e água em memória de Seu sangue.

— Não usam vinho?

— Não. Por algum tempo a Igreja usou vinho, mas logo mudou para água. Mas, o mais importante é o que representa, não a representação.

— Então, qual sua opinião sobre o sangue nos sacramentos? A água se converte no sangue de Cristo? Ou é só uma representação?

— É uma representação, claro.

— Entendo. Muito bem, você tem bom conhecimento e boas experiências; é casto; não se contamina com bebidas; e, mais importante, tem o sangue de Etem em suas veias, purificado pelo *mormonismo*. Isso é perfeito para mim. Bem, sinto muito, mas já perguntei demais.

— Já? Nem percebi o tempo passar.

— Sim. Ainda há muito que quero conhecer, mas, o que quero não se pode aprender com perguntas e respostas. São coisas que se pode aprender, mas não se pode ensinar. As formas de transmitir esse conhecimento são diferentes.

— Não entendo.

O anfitrião ficou de pé, e Eduard, assustado, fez o mesmo.

— Você me parece ser uma pessoa muito boa, e sinto que tenhamos nos conhecido assim, tão rápido. Em outras condições talvez fôssemos amigos, mas infelizmente tem que ser assim.

A expressão do velho ficou diferente — se antes era amável e cordial, agora parecia ameaçador. Aproximou-se de Eduard, que deu um passo atrás, mas Vískar o agarrou pelo braço com suas mãos geladas, e disse:

— Sinto muito, mas o primeiro *mórmon* de Etem vai dar a sua vida para o último Vampiro de Etem. Não vai doer muito, não é nada demais. Dói, mas logo acaba.

— Mas... por quê? Por que você vai fazer isso comigo?

— Como você ainda não entendeu? Quero conhecer todos seus segredos, sentir o que sente um *mórmon* ao tomar seus Sacramentos, entrar em seus Templos, e tudo mais. E isso só será possível experimentando seu sangue. Ao beber seu sangue, conhecerei suas memórias, seus sentimentos, e saberei tudo que você sabe.

— Mas, e eu? Por que tenho que morrer? Não há outra maneira?

— Você sabe que não. É só pelo sangue que se pode obter um conhecimento perfeito do que sentem os demais. E vocês, *mórmons*, sabem tanto quanto eu que vocês, humanos, vão morrer, tarde ou cedo. Ademais, você mesmo disse que daria a sua vida para que eu pudesse me tornar *mórmon*. E agora você vai cumprir com sua palavra!

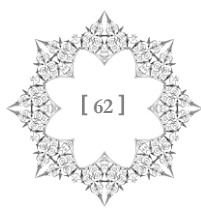
Não houve tempo sequer para um último grito de horror.

Vískar tirou todo o sangue, deixando Eduard totalmente sem vida.

Ao terminar sua macabra cerimônia, sentiu um êxtase que jamais outro Vampiro sentiu.

Desde então, não pôde mais ficar sozinho. Mudou-se à Inglaterra, e frequentou reuniões sacramentais todos domingos. Foi algumas vezes ao Templo, mas não recebia visitas em casa. Passou-se por Eduard para ter acesso a tudo do mormonismo. Não bebeu mais sangue, e languideceu com seu segredo por longos anos. Quando não tinha mais dúvidas de que morreria, quis falar com seu Bispo.

Não posso, nem poderei jamais esquecer sua terrível narração e minha incredulidade diante desse ancião em seu leito de morte, que, para provar sua história, me mostrou seus dentes afiados, e logo deixou esta vida, deixando em mim as mais terríveis dúvidas sobre o destino e a origem da vida mortal e do espírito.





APRESENTAMOS O CONTO
TESOURO MALDITO
Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios, além de publicar obras sobre Marketing e Estratégia. Lançou a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes", na Amazon (<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>). Em 2021 lançou "Na Casa da Avó" (<https://www.amazon.com.br/dp/B09-G1168MG>) – gratuito para empréstimo na plataforma Amazon, e "Duas Irmãs". Escreve habitualmente para diversas coletâneas. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília.

E-mail: rminadeo@gmail.com

Redes sociais:

[researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)

<https://www.instagram.com/robertominadeo>

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>

Patrícia estava encantada com sua nova viagem pelo mar. Acompanharia seu marido, Duílio, que comandava a trirreme Diana em viagem a Cartago, para deixar sua carga no porto de Óstia, próximo a Roma. O navio pertencia à frota baseada em Ravena, no Adriático. A maior parte de suas tripulações era formada de egípcios. Quando não estavam embarcados, viviam longos períodos tranquilos em Roma, na incontestada capital do mundo à época.

Cerca de um século e meio antes, após uma longa batalha, Cartago fora vencida. Tratava-se de algo mais do que um capítulo obrigatório das aulas de História do Império. Todo cidadão à época conhecia o maior de todos os seus inimigos, Aníbal, que surpreendera o mundo ao descer dos alpes com quarenta elefantes, assolara toda a península italiana durante mais de dez anos, espalhando um grande pavor em função de sua possível invasão à Roma.

A destruição de Cartago foi completa. César e Augusto a recriaram no século I a. C., já como parte do Império. A cidade chegou a meio milhão de pessoas, uma das maiores fontes de renda de Roma, pois, pela sua localização estratégica, atuava em diversas rotas comerciais.

A função do navio consistia em recolher os impostos: a maior parte do rico tesouro da ilustre cidade derrotada, formada por várias arcas recheadas de ouro.

Claro que a presença de Patrícia a bordo contrariava as mais elementares leis de qualquer Armada. Entretanto, Duílio era amigo de Augusto, o que significava que ninguém jamais teria a coragem de contradizê-lo.

Com trinta e cinco metros de comprimento e cento e cinquenta remadores, a trirreme representava um poder fabuloso, além de contar com velas para quando o tempo estivesse propício. Patrícia, na faixa dos vinte e cinco anos de idade, já viajara com Duílio a Alexandria. A falta de conforto não preocupava a esposa do comandante, que possuía compleição robusta e se destacava na prática do atletismo e da natação.

A missão a ser desempenhada contava com a presença de nada menos que cinco outros trirremes funcionando como escolta. O navio zarpou. Duílio era um consumado mestre na arte da navegação – um dos motivos de Patrícia estar a bordo, afinal, a esposa de quem comanda o espetáculo também tem o direito de se sentir dona.

A chegada a Cartago foi um importante acontecimento, marcava o momento da entrega das autoridades romanas locais dos impostos coletados e entesourados ao longo de um ano. Durante uma semana, os oficiais do Diana estiveram envolvidos naquelas tarefas detestadas pelos militares acostumados à vida nas batalhas – recepções, banquetes e discursos, que receberam o natural acréscimo do maior de todos os terrores para essa pobre gente: os bailes, em função da presença de Patrícia.

O Diana recebeu a carga, devidamente contabilizada e conferida. Patrícia teve um protagonismo: encontrou uma disparidade entre o que se afirmava existir e a carga real, havia doze barras de ouro a menos – o que se confirmou em sucessivas recontagens. Em seguida, Duílio instruiu o papel de cada uma das escoltas, e a pequena frota zarpou rumo a Óstia.

Em meio à travessia, surgiram navios de todas as direções e atacaram a frota. As cinco trirremes da escolta fizeram a sua parte, pelejaram bravamente, mas os atacantes eram em número bastante superior e contavam com o benefício da surpresa.

Duílio não sabia o que fazer, desesperado à busca de alguma saída para evitar o desastre total sobre a maior missão a ele jamais confiada. O comandante da frota assistiu impotente à derrocada de sua escolta, trirreme por trirreme.

O que mais causou admiração ao comandante foi o total desconhecimento em relação à identificação de seus oponentes. Os navios eram trirremes que poderiam pertencer a inúmeras outras nações. A principal técnica de ataque adotada foi o uso de flechas incendiárias, o que igualmente poderia fazer parte do arsenal de praticamente qualquer marinha existente.

Duílio ordenou que as velas fossem baixadas, pois constituíam um alvo privilegiado para as setas incendiarem as trirremes. Contudo, seu barco não estava sendo atacado, o que o levou a imaginar que, após destruírem a escolta, viriam à busca do tesouro que se encontrava a bordo, para apoderá-lo após uma luta corpo a corpo e eliminar a tripulação do Diana.

Quem seria o inimigo? Quais eram as pessoas que detinham todas as informações exatas sobre o percurso de sua frota? Essas e outras questões cruzaram febrilmente o cérebro de Duílio. A certeza de alguma traição foi se fazendo cada vez mais real em suas ideias.

Infelizmente, Duílio não pôde encontrar respostas a seus problemas: uma seta certa o atingiu mortalmente. Patrícia engoliu as lágrimas e surpreendeu a todos, mandando-os à direção exata da nau de onde saíra a flecha que a enviudara. Ninguém ousou contrariá-la: dado que o comandante morrera e eles se encontravam cercados de inimigos por todos os lados, qual a diferença entre esperar pela morte ou seguir as ordens da viúva rumo a algum infeliz destino qualquer?

Ela pediu no convés a presença de remadores dotados de escudos para deterem as flechas fatais que tentavam incendiar o Diana. De resto, como a sua equipe de remo ficou inativa enquanto as naus da escolta eram dizimadas, pôde impor um ritmo inicial veloz. De fato vieram muitas flechas, algumas delas chegaram a pontos esporádicos do convés, mas os inícios de fogo foram combatidos. Patrícia não descansava, parecia ser movida pelo próprio Marte.

À medida que o Diana avançou no rumo escolhido por Patrícia, houve uma abertura de espaço à direita, na qual se encontrava a única das naus de escolta que não tinha ido a pique e cujos tripulantes restantes já estavam sendo chamados para virem a bordo.

Ao receberem preciosos reforços, a tripulação do Diana entendeu o motivo de terem seguido aquela direção indicada por Patrícia, que, a partir desse momento, teve sua autoridade consolidada. Entretanto, enquanto o Diana recebia esses sobreviventes, uma nave inimiga vizinha aproveitou a ocasião: inúmeros guerreiros com elmos vieram a bordo, dizendo que não queriam derramamento de sangue. Conselho inútil, pois não havia ninguém em condições de oferecer resistência. O tesouro foi entregue. Os inimigos se dispersaram.

Os três oficiais restantes a bordo se reuniram com Patrícia para deliberar. Os cento e cinquenta descansados remadores do Diana foram reforçados por mais sessenta. A decisão foi imediata: os remadores recém chegados foram colocados nas duas fileiras inferiores ao lado dos ocupantes originais.

O acaso interveio: a nave que cedeu seus sobreviventes, ao lado do Diana, já estava quase afundada, invisível aos atacantes devido à fumaça. Com isso, em poucos minutos o Diana ficou fora do alcance das perigosas flechas incendiárias e pôde se concentrar na tarefa de fugir, içando as velas e chegando à maior velocidade jamais vista por uma trirreme na opinião dos oficiais a bordo e para a delícia de Patrícia. A frota inimiga teria podido iniciar uma perseguição, contudo a qualidade de comando do Diana e a luta pela sua sobrevivência fizeram toda a diferença.

Meia hora depois os remadores estavam exaustos. Patrícia conferenciou novamente com os oficiais. Além de um merecido descanso, seriam distribuídas todas as rações a bordo. O vento impelia a nave ao rumo desejado. A chegada a Óstia não apresentou maiores novidades. O tesouro roubado foi assunto obrigatório de todas as conversas no Senado e nas termas. A indignação pela perda foi crescente.

Em poucas semanas, infelizmente para os tripulantes do Diana, a verdadeira versão não encontrou receptividade. A opinião pública das termas encontrou inúmeras incongruências na “Bela Lenda de Patrícia”, como todo o episódio veio a ser conhecido.

Os principais elementos estranhos: a presença de Patrícia a bordo na circunstância de se coletar o tesouro anual de Cartago; a seta que abateu Duílio foi a única a atingir alguém do Diana; imediatamente Patrícia sabia o melhor curso de ação a ser tomado sem ter tido o menor assomo de emoção ante a perda do marido; os oficiais a bordo a seguiram cegamente. O mais inacreditável: uma frota inimiga destroça com facilidade cinco trirremes de escolta e deixa a nau capitânea escapar, incólume, sem terem sequer esboçado uma tentativa de perseguição! Ora, os sobreviventes dessa nau eram muito preciosos: poderiam identificar os atacantes. Algum desses fatos isolados poderia ser aceito, todavia, o conjunto de tais fatos fazia com que a estorinha contada por remadores e oficiais não merecesse senão o nome de lenda.

Indignados, diversos senadores solicitaram a abertura de um inquérito – tendo tido o cuidado de informar Augusto de suas intenções.

Os governantes de Cartago foram solicitados a descreverem pormenorizadamente os fatos ocorridos e acrescentaram algo que nenhum dos sobreviventes narrou: as doze barras de ouro faltantes que Patrícia descobrira. Daí ao estabelecimento da hipótese de conluio foi um pulo. Restava saber o papel de Patrícia na trama e chegar à identidade das naus atacantes.

A gravidade dos acontecimentos poderia configurar um crime de alta traição. Todos os acusados foram reunidos. Patrícia, mesmo surpreendida, foi enfática no tema da recontagem das barras de ouro: as testemunhas eram muitas, como teria ela podido mentir em tema tão delicado? Ao perceber que, além de um possível dolo contábil, ela era

acusada de conluio, sendo essas doze barras o eventual botim a ser distribuído aos que participassem da tramoia, não resistiu, desabou em uma crise de choro.

Ela foi enfática quanto à recontagem das barras de ouro: as testemunhas eram muitas, como teria ela podido mentir em tema tão delicado? Ao perceber que, além de um possível dolo contábil, ela era acusada de conluio, sendo essas doze barras o eventual botim a ser distribuído aos que participassem da tramoia, não resistiu, desabou em uma crise de choro.

A viúva de Duílio apontou que o ônus da prova cabe ao acusador, ou seja, se houve o sumiço de doze barras de ouro, cabia às autoridades de Cartago apontar a quantidade exata entregue. Os remadores e oficiais, se estivessem envolvidos na possível trama, precisavam ter suas residências revistadas. Seria impossível que nada viesse a ser encontrado – pois sobreviveram duzentos e dez remadores e três oficiais. Disse que a sua casa estava à disposição das autoridades, se algo de valioso fosse encontrado, a sua cabeça não mais teria necessidade de se manter sobre o seu pescoço.

O silêncio sepulcral que suas palavras criaram foi digno de ingressar nos anais da História de Roma, ao lado dos mais célebres discursos. Patrícia aproveitou para abordar a mais difícil questão: quem eram os atacantes? Ela repetiu que não tinha a menor ideia: cabe ao Senado investigar os oficiais de todas as bases navais romanas e alguns marinheiros e remadores veteranos. A absurda tese de um conluio precisava incluir os atacantes, e, novamente, recaía ao acusador o ônus da prova.

Patrícia ficou em Roma à disposição das autoridades, bem como os remadores e oficiais do Diana, igualmente indignados pelas ridículas e gratuitas acusações de que estavam sendo objeto. Investigou-se o possível e o impossível. Nenhuma pedra ficou por remover. Nada foi encontrado.

Entretanto, a razão não mais impera quando um grupo enorme de pessoas quer encontrar culpados – que precisam ser encontrados ou fabricados. Algo precisa ser feito. A massa precisa ser satisfeita com a alegre notícia de alguém pagou pelo crime, ainda que de forma injusta. Diante de oficiais tarimbados na defesa de Roma ou de simples remadores, Patrícia representava o elo mais fraco. Não foi acusada de conluio, porém, de estar a bordo. Com que direito estava ela em uma nave de guerra? A pergunta, após o apagar das luzes da investigação principal, era meramente retórica. Ela percebeu, e preferiu não responder, sabendo que o próprio Augusto não interviria a seu favor. A pena

foi branda: a perda de sua *villa* em Ravena – o que a obrigou a viver de favor pelo resto de seus dias junto a alguns parentes. Fê-lo com grande dignidade.

Três anos se passaram e o mistério ou a “Bela Lenda de Patrícia” foram esquecidos por completo. Um belo dia, visitando um parente em Ravena, ela se deparou na rua com alguém que não conseguiu evitar um estremecimento ao vê-la. Ela se manteve firme, julgando uma total impossibilidade da presença de Duílio por ali – ainda que coberto de uma barba que jamais usara e com as roupas mais improváveis para um ex-comandante naval.

Patrícia caiu em si, ao vislumbrar que as semelhanças eram muitas: o porte e a forma de andar não deixavam dúvidas. Disfarçadamente, seguiu o estranho. Este não entrou em nenhum lugar público e a ninguém cumprimentava em suas andanças, o que a fez tomar coragem e sacar o punhal que costumava carregar.

Em um beco, correu e encurralou o sócia de Duílio. Teve que ser agressiva, para evitar qualquer reação do estranho, cujo porte atlético a colocaria fora de combate em segundos. Ela não teve dúvida: encostou o cidadão na parede tendo o punhal firme na sua jugular. Deixou-o de joelhos contra a parede, sem liberdade de movimentos para braços e pernas. Nessa posição, ela firmou seu joelho direito em meio às costas do estranho para iniciar um interrogatório.

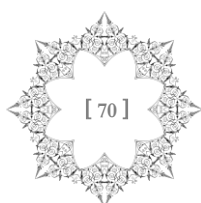
Este já havia mostrado uma reação de susto, porém, agora não conseguiu esconder suas emoções, e a chamou pelo nome, pedindo piedade. Ela se aproveitou da momentânea fraqueza e exigiu explicações, devolvendo o tratamento nominal ao possível ex-marido. Foi tudo muito breve, afinal, um punhal no pescoço é um argumento bastante convincente. Duílio começou dizendo que a flechada fora uma farsa: ele se encontrava com uma proteção de couro, e fora usada uma seta sem ponta.

Patrícia, com os argumentos ainda vivos após os sucessivos inquéritos e julgamentos, foi direta ao ponto: perguntou se ele tramara tudo, ouvindo uma afirmativa. Perguntou se as doze barras foram falseadas por ele para incriminar a ela e à tripulação. Nova afirmativa. Perguntou se alguém da sua própria frota conhecia a trama. Resposta negativa. Perguntou pelas naves atacantes. Respiração ofegante e lágrimas antecederam a mais comprometedor resposta: eram naves romanas de Miseno, na Baía de Nápoles, a maior das bases romanas, comandada por um amigo. Perguntou se a presença dela mesma a bordo já havia sido produzida para criar um alvo fácil a ser apontado.

Aqui a tensão no ambiente foi máxima: o silêncio poderia ser ouvido de longe. Duílio terminou por dizer um difícil sim. Patrícia teve sérias dificuldades em controlar a sua mão, prestes a penetrar a jugular de alguém que fora capaz de usá-la de forma tão aviltante. Pergunta final: o tesouro de Cartago foi dividido entre os dois comandantes. A resposta foi afirmativa, para desespero de Patrícia, que veio a ter contato com o pior lado de Duílio, com quem tivera tantos momentos felizes, e a quem pensava conhecer.

Uma forte joelhada prostrou no chão o traidor. Temendo perder a sua presa, em prantos, ela usou fortemente o punhal nos músculos dos braços do traidor, causando-lhe uma dor terrível, seguida de um desmaio. Então, ela bradou por socorro, para consumir a prisão. Ela precisava limpar a própria honra, acabando de vez com a chacota da “Bela Lenda de Patrícia”, além de sentir-se extremamente feliz ao elucidar o ocorrido diante de Roma.

A prisão foi feita. Duílio e seu amigo, comandante de Miseno, foram condenados à morte por crime de alta traição, em um Coliseu absolutamente abarrotado. Cerca de dois terços do maldito tesouro foram recuperados. Uma Patrícia impávida assistiu à decapitação de ambos ao lado de Augusto. Em seguida, recebeu a coroa de ouro – maior prêmio militar romano, concedido pela primeira vez a uma mulher. Também foi agraciada com uma restituição bastante superior ao que perdera, fixando-se em uma bela *villa* na Toscana, produtora dos melhores vinhos do Império.





APRESENTAMOS O CONTO
OS IRMÃOS DE SANGUE
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de cento e trinta antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). E-mail: rschima@bol.com.br.

Arnaldo e Clodoaldo eram irmãos.

Clodoaldo contava dezenove anos e era cinco anos mais velho do que Arnaldo. Via-se no papel de protetor e mentor do caçula, já que o pai de ambos falecera por seus excessos com a bebida quando Arnaldo tinha onze anos. A mãe dos garotos, pouco depois disso, fugira com um ex-policial, largando-os aos cuidados de uma avó que mal podia cuidar de si própria.

Não era raro os garotos passarem fome. O caçula vivia metendo-se em encrencas, porém, sempre se sentira seguro, pois, como mágica, no último minuto Clodoaldo aparecia para livrá-lo das enrascadas. Às vezes, porém, o mais velho se dava mal, como no outono passado, quando fora apartar uma briga entre seu irmão e quatro sujeitos. Esses caras já eram homens feitos e bateram feio em Clodoaldo, que saíra com um braço e algumas costelas quebrados. A avó fez das tripas coração para tratá-lo.

— Você precisa tomar jeito, rapaz — advertia ao mais novo. — Não estarei sempre ao seu lado para te proteger.

— Eu sempre poderei contar com você, Clodô.

— E eu? Posso contar contigo, Arnô? Vai me recompensar um dia?

— O mais novo não respondeu, fazendo-se de ofendido.

Os anos passaram. Certa noite, Clodoaldo estava em casa, cuidando da avó enferma. Esvaziou os bolsos, retirando algumas cédulas amassadas. Dando a maior parte ao irmão, pediu-lhe que comprasse uns medicamentos numa farmácia próxima. Arnaldo, irreverente e irresponsável como sempre, foi até o bar e perdeu todo o dinheiro nas partidas de sinuca e latinhas de cerveja. Quando deu por si, estava na esquina de um terreno baldio, maldizendo-se por ser a pessoa que era. Não que adiantasse. Seu arrependimento tinha vida curta e ele tampouco se emendava. Resmungou:

— Nunca terei sorte na vida!

Então, uma voz cavernosa fez-se ouvir de dentro das sombras:

— Deseja sorte?

Meio embriagado, Arnaldo assustou-se.

— Quem tá aí?

— Eu te darei sorte, a minha sorte, e não precisará preocupar-se com nada além de matar sua sede.

— Sede? Sede... tem um trago aí?

— Você já bebeu demais. Agora, é a minha vez de me saciar...

A criatura emergiu das sombras, mais escura do que a própria escuridão. Arnaldo, abestalhado, teve um vago segundo de lucidez, antes de sentir o par de enormes caninos afundar em sua garganta.

— Clodô! — Gemeu.

Porém, Clodoaldo não estava ali para ajudá-lo dessa vez, pelo contrário. Enquanto cuidava da avó, cuja febre só aumentava, praguejou contra o caçula o qual, a contragosto, reconheceu não somente ser um imprestável, mas um estorvo. Prometeu dar-lhe uma sova. Correu ele próprio até a farmácia, onde o dono negou que o irmão tivesse aparecido, gastou seus últimos trocados e retornou depressa.

A avó faleceu naquela noite.

Angustiado, Clodoaldo cuidou de tudo nos dois dias que se seguiram em relação ao funeral. Sendo a falecida idosa e enferma de vários anos, o médico não viu necessidade de uma autópsia. Era só mais uma pobre coitada entre tantas que surgiam no pronto-socorro. Além de Clodoaldo, ninguém mais apareceu para o velório no cemitério municipal. Durante a madrugada, enquanto tiritava de frio, ele até agradeceu a ausência do irmão, pois não poderia responder por si. Por anos procurara ajudá-lo, mostrando-lhe a trilha da retidão, entretantes, era como se sempre existisse algo a desviar o caçula, seduzindo-o por caminhos tortos: bebidas, prostitutas, furtos e assaltos. Por vezes, ausentava-se dias de casa, retornando depois como se nada tivesse acontecido e sem dar quaisquer satisfações. Ambos já eram adultos, precocemente envelhecidos. Clodoaldo estava farto de sustentar e até acobertar o irmão. A displicência deste em relação a avó fora a gota d'água. Os laços de sangue terminavam agora.

Voltou para casa na manhã do terceiro dia, logo após o enterro. O céu estava carregado de nuvens sombrias. Da rua, ele estranhou ao ver a porta da frente aberta. Apanhou um pedaço de pau numa caçamba próxima. Mais essa? Não possuía quase nada e, ainda por cima, vinha alguém roubar o pouco que lhe restava? Tomado de ódio, entrou com o pé na porta, disposto a matar ou ser morto. Aos trinta e quatro anos, estava farto de tudo, exausto daquela vida que só lhe tomava sem nada dar em troca além de miséria: uma família, a dignidade, um futuro, sonhos, a esperança.

— Apareça, seu desgraçado! — gritou.

Estava escuro, porém, devido a luz que vinha de um poste próximo, percebeu o vulto de alguém sentado na poltrona. A figura não se sobressaltou, não se moveu, somente falou:

— Você não veio...

Clodoaldo franziu a testa.

— Arnô?

— Ele me pegou...

O sangue ferveu nas veias de Clodoaldo.

— Arnô, seu miserável, onde se meteu? Cadê o dinheiro que te dei para comprar os remédios?

— Eu sempre acreditei poder contar com você.

— Quem é você para me dizer isso, vagabundo? Nunca pude contar com você! Nunca! A vó morreu! Está me ouvindo? Ela morreu por sua causa, sua besta! Se tivesse trazido o que pedi a tempo...

Deu um passo à frente e apertou o interruptor da lâmpada do pequeno aposento.

Foi quando viu.

A camisa de Arnaldo estava manchada de sangue; as roupas, imundas. A tez encontrava-se terrivelmente pálida, e olheiras profundas emolduravam seus olhos cujo brilho denotava insanidade.

— Diabos! O que aconteceu? Brigou de novo?

— Eu precisei de você...

Arnaldo levantou-se. A luz expôs a garganta dilacerada. Ninguém teria sobrevivido àquilo! Clodoaldo pretendeu falar algo, mas o irmão abriu a boca e os dentes deram-lhe uma visão tão aterrorizante quanto inacreditável.

— Eu precisei de você — repetiu a coisa sem vida.

A criatura avançou na direção do irmão.

Clodoaldo, sem pensar, partiu o pedaço de madeira no joelho e fez penetrar a ponta aguçada no peito do vampiro. Este desabou nos braços do outro e, enquanto escorregava para o piso de madeira, já transfigurado no Arnaldo de outrora, balbuciou:

— Obrigado por me salvar uma última vez...

Clodoaldo abraçou o cadáver.

— Arnô! Arnô! Arnô!

Ali chorou a perda do caçula, da avó, da vida que nunca tivera e, principalmente, de arrependimento pelo que pensara do irmão. Ao levar sua mão ao próprio pescoço, percebeu que havia um arranhão nele. Sangue fluía quente e viscoso. Arnaldo deixara-lhe um último desgosto, ou, dependendo do ponto de vista, uma recompensa.

Clodoaldo jamais sentiria fome outra vez.





APRESENTAMOS O CONTO
CONFRONTO INVISÍVEL
Por Rosane Pereira da Silva

Sobre a autora: Rosane Pereira da Silva, nascida em São Sebastião do Alto RJ interior, cidade pequena da região serrana. Sou professora de literatura, trabalho no serviço público. Gosto de ler e me inspirar em: Edgar Allan Poe, escritor norte-americano do romantismo, Camilo Castelo Branco, lord Byron Goethe e outros como: Clarice Lispector, Raimundo Correia, Machado de Assis.

O ano havia sido um ano diferente, cheio de sensações intensas. Muitos prodígios, muitos sinais haviam ocorrido na natureza e na vida de modo geral. A escuridão tinha estendido suas asas negras. Muitos religiosos diziam que os céus pronunciavam desgraça. O espírito particular celestial manifestava seu poder sobre o planeta terra, e também sobre as almas. Como que por vingança por todas as atitudes inconsequentes dos seres humanos.

As ruas despovoadas, cenário de guerra, deserto desconcertante. A sensação é de que existia entre nós coisas materiais e coisas espirituais em combate, um peso na atmosfera, uma sensação de abafamento, uma disputa invisível entre energias ocultas.

Um sentimento fúnebre no ar. A atmosfera havia sido invadida, vírus mortais se espalhavam e se multiplicavam numa velocidade inestimável. Um após um o luto. O luto coletivo, aos milhares, milhões...abatimento em massa. Como resistir?

Vi o telhado das cidades mortas, enquanto observava minhas narinas tentando bloquear a pestilência de todos os mortos do mundo.

As carnes dos abatidos reuniam-se todas nos cemitérios para que os vermes desfrutassem e devorassem o banquete.

O céu, o luar com sua luz branca, impiedosa, pairava acima desse horror, mas os vermes não precisavam da lua para se alimentar. A lua apenas observava as ondulações que denunciavam a agitação dos vermes lá embaixo pressentindo mais carne... e cada vez mais.

Numa visão súbita, repentina na escuridão do meu quarto, senti-me no teto a levitar. Olhei para baixo e assustadoramente vi a imagem do meu corpo sobre a cama, confusa, tive a sensação de estar sendo sufocada.

Uma sombra indefinida, semelhante àquela que a Lua faz quando está baixa no céu e pode desenhar as formas de um corpo humano. Mas não era a sombra de um homem, nem de um deus, nem de um conhecido. A sombra era vaga, ela jazia sobre a cama. Agigantava-se cada vez mais até expandir-se toda pelo quarto.

Comecei a sentir um arrepio lúgubre. A imagem materializada no inexplicável.

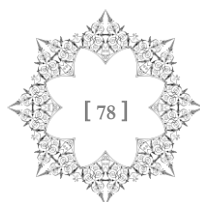
Atrevi-me a perguntar quem era e ela respondeu:

— O fim...

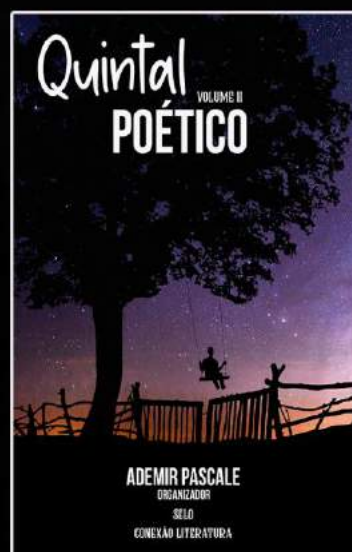
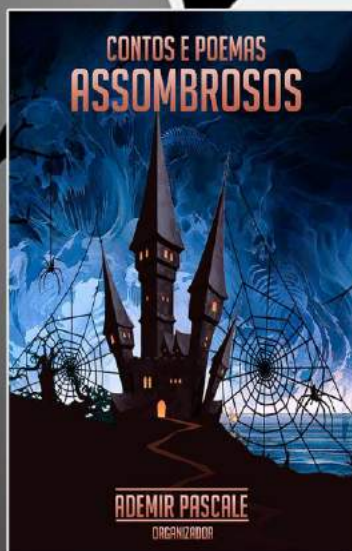
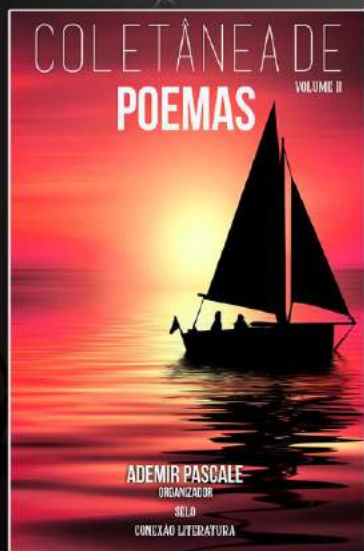
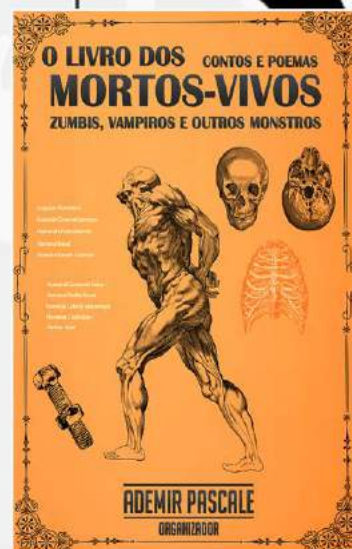
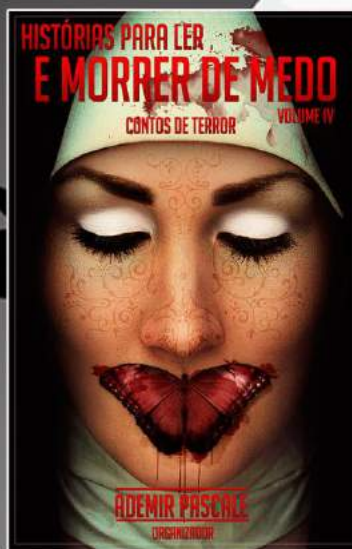
O timbre da voz não era um timbre da voz de um indivíduo só, mas uma imensidão de seres; e essa voz, variando as suas inflexões de sílaba para sílaba, enchia-me confusamente o ouvido a imitar os timbres conhecidos dos familiares e de muitos amigos mortos, que partiram e continuavam assombrando.

Senti minha garganta estreitar, minhas vias respiratórias se congestionaram e naquela embolia... tentei articular os braços, o cérebro dava o comando, mas o corpo não obedecia. E, naquela agonia, entre o teto e o corpo... acordei gritando, banhada em suor.

Levantei-me, acendi a luz do quarto e olhei pela janela a solidão da noite. Em tempos de pandemia, ninguém se atrevia a ficar na rua. Todos estavam recolhidos em suas casas coagidos pelo medo.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COL



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI